



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB  
Graduação em Relações Internacionais

TAÍS BALDEZ CARVALHO SOARES

**INTERVENÇÃO VIETNAMITA NO CAMBOJA:  
AGRESSÃO OU ATO HUMANITÁRIO?**

Brasília

2008

Soares, Taís Baldez Carvalho.

Intervenção Vietnamita no Camboja: agressão ou ato humanitário?/ Taís Baldez Carvalho Soares. – Brasília - DF, 2008

82f.

Monografia (curso de Relações Internacionais) – Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

1. Intervenção vietnamita. 2. Khmer Rouge. 3. Camboja

TAÍS BALDEZ CARVALHO SOARES

**INTERVENÇÃO VIETNAMITA NO CAMBOJA**  
**AGRESSÃO OU ATO HUMANITÁRIO?**

Monografia apresentada para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais pelo Programa de Graduação em Relações Internacionais do Centro Universitário de Brasília UniCEUB.

Orientador: Prof. Wellington Carneiro

Brasília

2008

TAÍS BALDEZ CARVALHO SOARES

**INTERVENÇÃO VIETNAMITA NO CAMBOJA  
AGRESSÃO OU ATO HUMANITÁRIO?**

Monografia apresentada para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais pelo Programa de Graduação em Relações Internacionais do Centro Universitário de Brasília UniCEUB.

Orientador: Prof. Wellington Carneiro

Brasília, 01 de dezembro de 2008

**Banca Examinadora**

---

Professor Wellington Carneiro  
Orientador

---

Professor Renato Zerbini Ribeiro Leao  
Examinador

---

Professora Silvia Menicucci  
Examinadora

Dedico este trabalho aos meus pais Nelson e Myrian pelo seu eterno apoio e incentivo, fazendo com que eu nunca desista dos meus objetivos, mesmo perante aos obstáculos da vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha família Nelson, Myrian e Bruno pelo apoio incondicional, me ajudando na realização deste trabalho.

Agradeço, também, ao meu orientador Wellington Carneiro pela colaboração e atenção prestada, que me ajudou a tornar possível a conclusão desta monografia.

Agradeço aos professores do curso de Relações Internacionais do UniCEUB que contribuíram para minha formação acadêmica e pessoal.

Por último, porém não menos importante, agradeço aos meus amigos pela força, paciência e compreensão durante esta grande etapa de minha vida.

## RESUMO

O presente trabalho visa analisar os motivos e a **legitimidade** da **intervenção vietnamita** no território cambojano. Para atingir esses objetivos, a pesquisa aborda detalhadamente o período do genocídio, os constantes conflitos entre o **Camboja** e o **Vietnã**, a intervenção, o debate da comunidade internacional sobre o assunto e sua legitimidade. O regime do **Khmer Rouge** eliminou cerca de 2 milhões de sua população por fome, maus-tratos e execuções expondo os cambojanos ao sofrimento extremo. Foi durante esse governo que os desentendimentos entre os dois países iniciaram-se resultando na invasão. Nesse sentido, o trabalho analisa os motivos dos conflitos que desencadearam na intervenção das tropas vietnamitas, além de sua importância para a população cambojana que sofrera por três anos e meio sob o controle do grupo de Pol Pot. Ademais, nessa parte será abordada a veracidade das alegações vietnamitas para justificar a invasão no país vizinho. A pesquisa trata também do árduo debate da comunidade internacional sobre o assunto, assim como sua influência e contribuição para a retirada das tropas vietnamitas do Camboja. Finalmente, o estudo analisa se essa intervenção pode ser considerada um **ato humanitário**, **agressão** ou **autodefesa**.

Palavras-chaves: Intervenção vietnamita. Camboja. Vietnã. Khmer Rouge. Legitimidade. Ato humanitário. Agressão. Autodefesa.

## ABSTRACT

This present work aims to analyse the reasons and **legitimacy** of the **Vietnamese intervention** in the Cambodian territory. To reach these purposes, this research approaches the genocide period, the persistent conflicts between **Cambodia** and **Vietnam**, the intervention, the international community debate about this subject and its legitimacy. The **Khmer Rouge** regime eliminated about 2 million Cambodians inhabitants due to famine, excessive physical effort, torture and executions exposing the population to an extreme suffering. It was during this government that the misunderstanding between the two countries started, resulting in the invasion. Thus, this work analyses the reasons of the conflicts that unleashed in the intervention of the Vietnamese troops and its importance to the Cambodian population that suffered for three years and a half under the Pol Pot group. Moreover, this part approaches the veracity of the Vietnamese allegations to justify the invasion in the neighbor country. This research also explores the tough debate of the international community about this subject, as well as its influence and contribution for the withdrawal of the Vietnamese force from Cambodian territory. Finally, this study analyses if the intervention can be consider a **humanitarian act**, **aggression** or **self-defense**.

Key words: Vietnamese intervention. Cambodia. Vietnam. Khmer Rouge. Legitimacy. Humanitarian act. Aggression. Self-defense.



## LISTA DE IMAGENS



Figura 1. Secretário geral do PCK Solath Sar, conhecido por Pol Pot, em um encontro em Phnom Penh depois da vitória do Khmer Rouge, em 1975.



Figura 2. Da esquerda: Hou Youn (um dos líderes do Khmer Rouge, executado em agosto de 1975 pelo seu próprio partido), Príncipe Norodom Sihanouk, Son Sen (um dos líderes do Khmer Rouge) no monastério de Angkor, em março de 1973.



Figura 3. Soldados do Khmer Rouge, em 1975.



Figura 4. Pol Pot (esquerda) e os secretários Nuon Chea (terceiro da esquerda), na marcha depois da deposição do seu governo Khmer Rouge, no norte do Camboja, no começo de 1979. Ieng Sary é o décimo primeiro da esquerda.



Figura 5. Rebelde anti- Pol Pot e primeiro presidente do RPK, Heng Samrin



Figura 6. Rebeldes anti-Khmer Rouge. Da esquerda para direita: Bou Thong, Say Phuthang, Hun Sen, Chea Sim.





Figura 7. Mapa do Camboja.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
AG	Assembléia Geral
ASEAN	Associação das Nações do Sudeste Asiático
CIA	Agência Central de Inteligência
CS	Conselho de Segurança
FLNPK	Frente de Libertação Nacional do Povo Khmer
FNL	Frente Nacional de Libertação
FSNK	Frente para a Salvação Nacional do Kampuchea
FUNCINPEC	Frente Unida Nacional por um Camboja Independente, Pacífico e Cooperativo
GCKD	Governo de Coalizão do Kampuchea Democrático
ONU	Organização das Nações Unidas
PCF	Partido Comunista do Francês
PCK	Partido Comunista Kampuchea
PRPK	Partido Revolucionário do Povo Khmer
RPK	República do Povo do Kampuchea



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	18
<b>1. O GENOCÍDIO NO CAMBOJA</b> .....	20
1.1 Breve histórico .....	20
1.2 Intervenção americana .....	22
1.3 Guerra Civil e ascensão do Khmer Rouge .....	26
1.4 Genocídio .....	27
1.5 Apoio da China .....	36
1.6 Limpeza étnica .....	39
1.6.1 <i>Etnia Chinesa</i> .....	39
1.6.2 <i>Etnia Vietnamita</i> .....	40
1.6.3 <i>Etnia Khmer Krom</i> .....	40
1.6.4 <i>Etnia Tailandesa e Laosiana</i> .....	41
1.6.5 <i>Etnia Cham</i> .....	41
1.7 Crise interna no regime .....	42
1.8 Enfraquecimento do regime Khmer Rouge .....	44
<b>2. OS CONFLITOS ENTRE CAMBOJA E VIETNÃ E A INTERVENÇÃO</b> .....	46
2.1 Atritos entre Camboja e Vietnã .....	46
2.2 A Linha Brevié e remarcação territorial .....	47
2.3 Início da Guerra .....	48
2.4 Primeira invasão vietnamita .....	50
2.5 Apoio do Vietnã aos rebeldes .....	52
2.6 Entrevista com Pol Pot .....	53
2.7 Segunda invasão vietnamita e fim do Khmer Rouge .....	55
2.8 Governo pós-Khmer Rouge .....	56
2.9 A escolha do mal menor .....	58
<b>3. A LEGITIMIDADE DA INTERVENÇÃO VIETNAMITA</b> .....	61
3.1 Debate da comunidade internacional sobre a intervenção vietnamita .....	61
3.1.1 <i>ASEAN</i> .....	61

3.1.2 ONU .....	64
3.1.2.1 <i>Assembléia Geral</i> .....	64
3.1.2.2 <i>Conselho de Segurança</i> .....	66
3.2 Legitimidade da invasão de acordo com a Carta da ONU .....	69
3.3 Análise teórica da intervenção vietnamita .....	70
3.3.1 <i>Teoria realista</i> .....	70
3.3.2 <i>Teoria construtivista</i> .....	73
<b>CONCLUSÃO</b> .....	77
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	81

## INTRODUÇÃO

Muitos países carregam marcas de guerras de descolonização, genocídio, ocupação estrangeira e pobreza. O Camboja apresenta cicatrizes de todas essas experiências produzidas devido a conflitos que perduraram por várias décadas. Durante anos, a maioria dos cambojanos passaram por sofrimentos extremos tornando-se refugiados ou vítimas de conflitos armados. A partir do final de 1960, quando a guerra do Vietnã se espalhou pelo Camboja, o país viveu décadas de intensos conflitos e revolta social. Em janeiro de 1979, o Vietnã invadiu o Camboja alegando autodefesa e necessidade de derrubar o governo genocida de Pol Pot, como ato humanitário.<sup>1</sup>

Este trabalho visa analisar os motivos e a legitimidade da invasão vietnamita no Camboja. A partir de pesquisas em livros, revistas e artigos publicados por testemunhas oculares, além de estudos dos fatos ocorridos entre o Camboja e o Vietnã, dos anos 60 até final dos 80, será possível concluir se a ocupação foi movida por motivos humanitários, autodefesa ou expansão territorial vietnamita. A fim de cumprir esse objetivo, o trabalho foi dividido em três partes.

No primeiro capítulo, foram descritos os principais fatos que antecederam e resultaram na intervenção do Vietnã. Nessa parte do trabalho, foi analisado como o Khmer Rouge, grupo de revolucionários comunistas cambojanos liderado por Pol Pot, conquistou o poder e implementou o seu governo genocida que eliminou cerca de 2 milhões de cambojanos por assassinato, esforço físico extremo e fome.<sup>2</sup> Durante esse governo, as premissas dos Direitos Humanos foram totalmente violadas. É de grande importância analisar esse período do genocídio para facilitar o entendimento da invasão, pois, inicialmente, o Vietnã apoiou o Khmer Rouge. Logo após a conquista do poder pelo grupo, iniciaram os desentendimentos entre os dois países. E, por último, os vietnamitas intervieram acabando com o sofrimento dos cambojanos sob o poder do grupo de Pol Pot.

O segundo capítulo refere-se aos atritos entre o Camboja e o Vietnã e a intervenção vietnamita no país vizinho. Serão abordados os motivos pelos quais a aliança entre eles se rompeu, ameaçando suas soberanias e tornando-os inimigos. Essa análise irá ressaltar também

---

<sup>1</sup> POWER, Samantha, *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 181

<sup>2</sup> Ibidem. p. 179

o grau de relação entre esses dois países, principalmente seus conflitos territoriais e os motivos que levaram à invasão vietnamita.

O terceiro capítulo trata mais especificamente da visão da Comunidade Internacional e das teorias realistas e construtivistas em relação à intervenção vietnamita. Essas teorias são importantes para a pesquisa, pois seus conceitos e fundamentos ajudam na compreensão do funcionamento do sistema internacional, facilitando o entendimento da atuação dos Estados nesse conflito. É essencial analisar também os motivos e posicionamento dos países que formam esse sistema internacional para compreender a importância da pressão internacional na invasão. Além disso, essa parte propõe estudar as premissas da Carta das Nações Unidas em relação aos conflitos internacionais, facilitando a análise da legitimidade da invasão vietnamita.

Dessa forma, cada capítulo tem grande importância na construção do trabalho ajudando na avaliação da intervenção do Vietnã no Camboja. As três partes do trabalho se entrelaçam, facilitando a análise dos fatos. No final deste projeto será possível concluir se a invasão vietnamita foi movida por um ato humanitário ou tratou-se de uma agressão ao país vizinho. Além disso, será analisada a legitimidade dessa intervenção.

## CAPÍTULO 1

### O GENOCÍDIO NO CAMBOJA

#### 1.1 Breve histórico

O passado cambojano é uma mistura de incerteza e horror, principalmente depois de abril de 1975. O país ficou sob a proteção da França por 90 anos e conseguiu sua independência por 22 anos até o movimento comunista, conhecido no norte como Khmer Rouge, conquistar o poder. Inspirados pelo maoísmo, eles pregaram o socialismo na população já desgastada pelos cinco anos de invasão estrangeira, bombardeios e guerra civil. Em 1975, o Khmer Rouge assumiu o poder e mudou o nome do país para Kampuchea Democrático. Esse regime, liderado por Pol Pot, persistiu no poder até janeiro de 1979 quando o país foi invadido por tropas vietnamitas.<sup>3</sup>

O atual Camboja ocupa o território de um antigo reino, chamado Fu Nam, fundado por imigrantes procedentes do subcontinente indiano, no início da era cristã. Por volta do século VI, esse reino foi absorvido pelos Khmers. Entre os séculos IX e XIII, foram construídos os famosos templos de Angkor. Depois de 1400, seus vizinhos vietnamitas e tailandeses ficavam cada vez mais populosos e ambiciosos fazendo com que o território e a população sob o controle dos reis cambojanos diminuíssem. Em 1780, o Camboja era constantemente invadido pelas forças da Tailândia e Vietnã. Com o fortalecimento da nova dinastia instalada em Bangkok e Hue, intensificou o envolvimento desses dois países no Camboja no século XIX. Entre 1830 e 1840, as guerras dos tailandeses e vietnamitas no solo cambojano arruinaram o pequeno reino e fragilizou suas instituições. A partir de 1863, o Camboja ficou sob o protetorado francês. Se a França não tivesse imposto sua proteção, provavelmente o Estado cambojano independente teria desaparecido e seu território estaria dividido entre as zonas de influência tailandesa e vietnamita. A partir de então, o Camboja passou a fazer parte da Indochina Francesa, que englobava também o Vietnã e Laos. A França foi impondo gradualmente sua soberania sobre a Indochina. A dinastia cambojana, assim como a vietnamitas e laosiana, permaneceu sob a tutela de um governo central do tipo federalista. Esse governo exercia autoridade exclusiva nas áreas de relações exteriores, finanças, defesas, comércio exterior e obras públicas e era chefiado por um governador-geral francês,

---

<sup>3</sup> HENDRICKSON, Dylan. *Safeguarding Peace: Cambodia's Constitutional Challenge*. Disponível em: <<http://www.c-r.org/our-work/accord/cambodia/index.php>>. Acesso em: 22 ago. 2008

subordinado ao ministro do Comércio da França. Em 1941, o regime francês perdeu suas forças principalmente com a invasão nipônica na Indochina. Isso fez com que o Vietnã proclamasse sua independência e assumisse o poder do seu país. Porém, a monarquia cambojana hesitou em fazer o mesmo e logo foram reocupadas pelos franceses.<sup>4</sup>

Em 1941, Norodom Sihanouk foi nomeado rei pelas autoridades coloniais francesas. Em julho do ano seguinte, a prisão de dois monges budistas, por pregarem o nacionalismo, provocou uma manifestação política moderna. Mas essa atitude da polícia francesa apenas aumentou o sentimento nacionalista. Muitos monges morreram nas prisões francesas, outros fugiram e se juntaram aos nacionalistas anti-franceses perto do Vietnã. Quanto mais a França tentava controlar o Camboja, e quanto mais apoio os Estados Unidos davam a Paris, mais os cambojanos se empenhavam na aliança com seus vizinhos vietnamitas baseada em interesses comuns.<sup>5</sup>

Em 1954, quando a França abandonou a guerra na Indochina e se retirou do Camboja e Vietnã, Son Ngoc Minh e Tou Samouth criaram um movimento de independência. Ambos, Khmer Krom, iniciaram suas carreiras como monges e, enquanto estudavam em Phnom Penh, participaram das rebeliões de 1942. Três anos depois, deixaram o mosteiro para seguir a carreira política. O movimento se chamava “Associação Khmer Issarak”, liderado pela mesma estrutura organizacional comunista, o “Partido Revolucionário do Povo Khmer”, e contava com um exército de cinco mil cambojanos, apoiado por uma aliança vietnamita. O PRPK foi estabelecido por Minh e Samouth sob a supervisão dos comunistas vietnamitas. Em três anos, o partido já havia recrutado mais de mil membros, em geral camponeses e monges.<sup>6</sup>

Após a independência do Camboja em 1954, Sihanouk abdicou o trono para se envolver inteiramente com a política. O Príncipe adotou a nova política de neutralidade nas relações exteriores e apoiou a independência, porém, os jovens comunistas ainda o confrontavam devido a sua repressão a qualquer opositor. Além disso, seu governo fraudou as eleições de 1955, rejeitando inclusive os acentos para o Partido Democrata e do PRPK. Mais tarde, Sihanouk diminuiu as pressões. Entretanto, a suspeita de assassinato de Tou Samouth pelos jovens do partido, em 1962, aumentou a animosidade entre estes e os veteranos. Os jovens evitaram qualquer tipo de debate, enquanto preparavam uma rebelião contra o Príncipe

---

<sup>4</sup> CHANDLER, David P. *The Burden of Cambodia's Past*. Disponível em:

<<http://www.asiasociety.org/publications/cambodia/burden.html>>. Acesso em: 13 ago. 2008

<sup>5</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge*, 1975-79. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 12.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 10.

Sihanouk, resultando, não só no rompimento com Hanói, mas também, com parte dos membros dos partidos que permaneciam no Vietnã. Mas a propaganda dos rebeldes de Pol Pot induziu erroneamente Sihanouk a pressupor que os antigos líderes do PRPK estavam por trás daquele movimento. Com isso, o Príncipe reprimiu os Khmers restantes que estavam tentando trabalhar na estrutura do seu regime, gerando, assim, uma rebelião. Além disso, essa atitude fez com que esses Khmers apoiassem a crescente guerrilha de Pol Pot no interior.<sup>7</sup>

Pol Pot, cujo verdadeiro nome era Saloth Sar, nasceu em 19 de maio de 1928. Seus pais, Phen Saloth e Sok Nem, ganharam 9 hectares de plantação de arroz, 3 hectares de jardim e vários pares de búfalos, sendo considerados, na época, camponeses classe média. Porém, a família de Saloth Sar era camponesa khmer diferente. Eles tinham laços de influência com a nobreza. Em 1978, Pol Pot, sem revelar o seu verdadeiro nome, parece tentar esconder seu passado alegando ser de uma família de camponeses que, durante a infância, morou com os pais ajudando-os na agricultura. Segundo seus três irmãos, Saloth Sar nunca trabalhou nos campos e nem conheceu muito sobre a vida na vila. Aos seis anos foi mandado para o palácio, passou um ano no Mosteiro Real e, em seguida, ficou seis anos estudando em uma escola católica privada. Aos quatorze anos, iniciou o segundo grau na cidade de Kompong Cham, deixando de participar do tumulto do final da Segunda Guerra Mundial em Phnom Penh, no qual jovens nacionalistas forçaram o Rei Norodom Sihanouk a declarar independência da França, enquanto monges budistas lideravam os nacionalistas cambojanos em causa comum com os comunistas vietnamitas. Seis anos depois, Saloth Sar voltou para a capital e começou a estudar carpintaria. Após um ano, recebeu uma bolsa de estudos, aparentemente sem a ajuda da realeza, para estudar radioeletricidade em Paris. Frequentemente, Saloth Sar escrevia para seu irmão pedindo dinheiro, exceto uma vez quando pediu a biografia do Rei Sihanouk. Soung alertou que ele não se envolvesse com política. Entretanto, Pol Pot já fazia parte do Partido Comunista Francês.<sup>8</sup>

## 1.2 Intervenção americana

Em 1963, o Camboja teve sua melhor colheita de arroz. No ano seguinte, esse recorde foi quebrado. A exportação de arroz subiu e, pela primeira vez desde 1955, o país fica com a sua balança comercial positiva. Os depósitos do Banco Nacional se recuperavam de um longo declínio. Porém, esse momento de recuperação durou pouco. No mesmo ano, a Guerra do

---

<sup>7</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 15.

<sup>8</sup> Idem. *How Pol Pot Came to Power*. 2. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 2004 – pág. 25

Vietnã se acentuou e as tropas americanas e as forças de Saigon aumentaram. O contingente americano cresceu em mais de 100 mil vezes. Assim, todos esses soldados precisavam ser alimentados. A produção de arroz no Vietnã era insuficiente para aquela multidão de soldados. Com isso, grande quantidade de arroz cambojano começava a ser contrabandeado pela fronteira vietnamita para alimentar as forças combatentes dos dois lados. Sem a renda de exportação do arroz, o Camboja estaria falido. Desde 1965, Sihanouk estava insatisfeito com a redução considerável da renda como resultado do tráfico ilícito de arroz do Camboja para o Vietnã.<sup>9</sup>

Em 1968, as tropas americanas estavam com seu contingente máximo de soldados para impedir que o Vietnã do Sul se tornasse comunista. No mesmo ano, os vietcongues atacaram as principais bases americanas no Vietnã do Sul e mataram aproximadamente 4 mil americanos, fortalecendo a oposição dos cidadãos dos Estados Unidos à guerra. Com a perda de vários soldados americanos na guerra e o Vietnã do Norte vencendo, a honra americana estava sendo ferida.<sup>10</sup>

No ano seguinte, Richard Nixon assumiu a Presidência dos Estados Unidos com a promessa de acabar com a Guerra do Vietnã. Contudo, fez com que a guerra se estendesse ao Camboja. Naquele momento, o país já havia exposto a sua posição de neutralidade em relação à guerra do Vietnã. Mas, os Estados Unidos acreditavam profundamente na idéia de que os grupos comunistas cambojanos e vietnamitas estavam juntos, já que o território cambojano estava servindo de refúgio para unidades norte-vietnamitas.<sup>11</sup>

Sihanouk já governava o Camboja há muitos anos. Além de ter sido um chefe de Estado muito popular, era o pai do Camboja independente. Ao fazer amizade com a China, Sihanouk desagradou a grande potência americana, que tinha aquele país como um de seus maiores inimigos naquele momento. Além disso, o presidente dos Estados Unidos estava incomodado com a decisão de neutralidade do Camboja na guerra com o Vietnã. Devido a essa antipatia dos EUA em relação ao príncipe cambojano, as autoridades americanas apoiaram o golpe de estado do primeiro-ministro pró-americano, Lon Nol, contra Sihanouk, em 1970. Os EUA acreditavam que Lon Nol poderia ajudá-los a combater os vietnamitas do norte pelo fato de ser extremamente anticomunista. Porém, os americanos haviam se

---

<sup>9</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 17.

<sup>10</sup> POWER, Samantha, *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 119

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 120



enganado. Na verdade, estavam apoiando um perdedor. Lon Nol era corrupto, repressor e incompetente. Permanecia alheio aos assuntos do Estado e sua única preocupação era relacionada a aumentar o seu poder.<sup>12</sup>

Em 1960, os líderes do Khmer Rouge haviam deixado as cidades para tramar a revolução na zona rural cambojana e vietnamita. Porém, o autoritário governo de Sihanouk os impeliu às armas. Os líderes desse grupo eram jovens revolucionários comunistas radicais cambojanos, que haviam estudado na França e eram apoiados política e militarmente pela China. Seu maior líder era Saloth Sar, conhecido como Pol Pot. A partir de 1970, iniciava-se uma guerra em que, de um lado, estavam Lon Nol e os Estados Unidos e, do outro, os comunistas vietnamitas e o Khmer Rouge.<sup>13</sup> Sihanouk, furioso com a humilhação sofrida pelo golpe de estado, associou-se aos seus maiores inimigos.<sup>14</sup> Assim, o grupo revolucionário comunista ganhou o apoio de milhões de cambojanos que confiavam em Sihanouk. O Príncipe não era, de fato, a favor do Khmer Rouge, mas demonstrava sua total desaprovação ao governo, corrupto e fantoche dos americanos, de Lon Nol.<sup>15</sup>

Os EUA gastaram com o governo de Lon Nol aproximadamente 1,8 bilhão de dólares durante os 5 anos de guerra civil. Contudo, mesmo com o grande apoio dos americanos, Lon Nol não tinha muita chance em combate. Seus altos funcionários faziam lista de forças fantasmas e usavam a ajuda americana para encher suas contas bancárias e construir mansões para si mesmos. Os soldados do exército regular freqüentemente ficavam sem receber salário. Embora seu exército contasse com um número muito maior de soldados do que os rebeldes, muitos deles relutavam em lutar por Lon Nol.<sup>16</sup>

Os bombardeios começaram de fato em março de 1969, quando os Estados Unidos lançaram a “Operação Menu”, que resultou em um bombardeio de aproximadamente 100 mil toneladas de bombas lançadas. As várias áreas alvos foram chamadas de Café-da-manhã, Lanche, Almoço, Jantar, Sobremesa e Ceia. O objetivo do bombardeio era destruir as forças comunistas vietnamitas no Camboja ou conduzi-las de volta ao Vietnã.<sup>17</sup> Nos três anos

---

<sup>12</sup> POWER, Samantha, *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 119

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 121

<sup>14</sup> COURTOIS, Stéphane; WERTH, Nicolas; PANNÉ, Jean-Louis; PACZKOWSKI, Andrzej; BARTOZEK, Karel; MARGOLIN, Jean-Louis, *O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 689

<sup>15</sup> POWER, Samantha, *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 122

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 122

<sup>17</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 18

seguintes, os Estados Unidos continuaram os ataques aéreos cada vez mais intensos no território cambojano. Inicialmente, esses ataques começaram para destruir o Vietcongue/Exército Norte-Vietnamita (VC/ENV). Mais tarde, os ataques continuaram, mas com o objetivo de proteger o regime de Lon Nol e conter o número crescente das forças comunistas cambojanas.<sup>18</sup>

Os Estados Unidos tinham total interesse no Camboja durante sua guerra civil, devido aos planos americanos de derrubar os vietnamitas comunistas. Em 1973, os americanos retiraram suas tropas do Vietnã e, assim, passou a ficar mais difícil justificar o bombardeio no Camboja. Entre março de 1969 e agosto de 1973, os EUA jogaram 540 mil toneladas de bombas sobre a região rural do Camboja. Os ataques aéreos dos B-52 mataram dezenas de milhares de cambojanos e destruíram moradias de inúmeras famílias. Além disso, em 1973, a inflação no Camboja havia atingido 275% e 40% das estradas e um terço de todas as pontes estavam imprestáveis.<sup>19</sup>

A campanha de bombardeio do Camboja pelos Estados Unidos resultou nos dois efeitos que os americanos tentavam impedir. Primeiro, fez com que os vietnamitas comunistas estreitassem seus laços com o Khmer Rouge. Segundo, ajudou a aumentar, no povo cambojano, a simpatia em relação aos revolucionários comunistas do Khmer Rouge.<sup>20</sup>

O B-52 atingiu a vila Trapeang Krapeu deixando 20 pessoas mortas. Anlong Trea foi também bombardeada matando 3 pessoas e fazendo com que 60 se juntassem ao Khmer Rouge. Na vila perto de Chalong, além de mais de 20 mortos, monastérios foram destruídos, fazendo com que o sentimento de ódio das pessoas em relação aos americanos aumentasse. A população não sabia ao certo porque estava sendo bombardeada. E foi com esse sentimento que os cambojanos cada vez mais se juntavam aos radicais comunistas.<sup>21</sup>

Depois de cinco anos sofrendo com o conflito, os cambojanos ouviam promessas de paz do Khmer Rouge como uma proposta tentadora. Enquanto os comunistas falavam de justiça e ordem a um povo que, até então, só conhecia injustiça e corrupção, Lon Nol não prometia nada além do presente sombrio. Os cambojanos já não suportavam mais a

---

<sup>18</sup> OWEN, Taylor; KIERNAN, Ben. *Fogo sobre o Camboja*. Disponível em: <<http://diplo.uol.com.br/2008-01,a2153>>. Acesso em: 23 ago. 2008

<sup>19</sup> POWER, Samantha, *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 123

<sup>20</sup> OWEN, Taylor; KIERNAN, Ben. *Fogo sobre o Camboja*. Disponível em: <<http://diplo.uol.com.br/2008-01,a2153>>. Acesso em: 23 ago. 2008

<sup>21</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 21

interferência externa e viam, no Khmer Rouge, uma proposta bastante diferente daquilo que os seus últimos governantes vinham proporcionando.<sup>22</sup>

Pol Pot usou, como sua propaganda, a devastação dos bombardeios e o massacre de civis para conseguir o apoio do povo cambojano. De acordo com o relato do líder do PCK do Angkor Wat no nordeste do Camboja, Chhit Do, sempre depois do bombardeio os Khmers Rouges levavam as pessoas para ver as crateras, mostrar o quão grandes e profundas eram. As pessoas ficavam completamente amedrontadas. Horrorizadas, elas estavam prontas para acreditar em qualquer coisa que lhes fosse dita. Na visão de Chhit Do, isso foi o que facilitou para o Khmer Rouge ganhar o apoio do povo cambojano. A insatisfação da população com o bombardeio fez com que os cambojanos colaborassem com o grupo comunista.<sup>23</sup>

### 1.3 Guerra Civil e ascensão do Khmer Rouge

De fato, por um lado, os Estados Unidos conseguiram atrasar o avanço do Khmer Rouge através dos bombardeios. Por outro, fortaleceram o sentimento de ódio dos cambojanos em relação aos americanos, resultando no forte recrutamento rural incentivado pelo grupo de comunistas revolucionários. Hanói decidiu apoiar a luta do Khmer Rouge para conquistar o poder cambojano, cedendo armas, conselheiros e formação militar no Vietnã. A queda de Phnom Penh, em 17 de abril de 1975, foi recebida como um grande alívio. Acreditavam que nada poderia ser pior do que aquela guerra cruel e inútil. Porém, mesmo antes da vitória, os Khmers Rouges mostravam suas aptidões para a violência.<sup>24</sup>

Foi fundado entre 1971 e 1972 um grande campo para onde eram enviados não apenas soldados inimigos, mas também suas respectivas famílias, incluindo crianças, monges budistas, pessoas suspeitas, entre outros. Todos eram maltratados, passavam fome deixando-os mais propícios a doenças, liquidando rapidamente a maioria dos detidos e todas as crianças. À medida que o Khmer Rouge ia avançando, criavam inúmeros Centros de Reeducação, além dos Centros de Detenções já existentes. Mais tarde, esses novos centros passaram a não se diferenciar muito dos de Detenções.<sup>25</sup> A maioria das pessoas, que ainda

---

<sup>22</sup> POWER, Samantha, *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 131

<sup>23</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 21

<sup>24</sup> COURTOIS, Stéphane; WERTH, Nicolas; PANNÉ, Jean-Louis; PACZKOWSKI, Andrzej; BARTOZEK, Karel; MARGOLIN, Jean-Louis, *O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 690 e 691

<sup>25</sup> Ibidem. p. 690 e 691

não estavam sob o poder do Khmer Rouge, sabia de suas brutalidades. Porém, todos acreditavam que, quando chegassem a Phnom Penh, não haveria necessidade de ser tão brutal. Para eles, ocorreriam apenas algumas execuções dos considerados traidores pelos comunistas.<sup>26</sup>

As deportações em massa de civis já ocorriam desde 1973. Cerca de 40 mil foram transferidos da província de Takeo para as cidades fronteiras do Vietnã. A cidade Kratie foi totalmente esvaziada. No mesmo ano, a relação do Khmer Rouge com os norte-vietnamitas começou a estremecer devido a recusa do “Partido Comunista do Kampuchea” em aderir ao processo da partida negociada dos americanos (Acordo de Paris). A partir desse momento, a ajuda vietnamita sofreu uma redução significativa. Pol Pot e sua equipe aproveitaram o fato para enxergar os vietnamitas como inimigos e aniquilar os “Khmer Vietminhs” que haviam regressado ao Camboja. Os primeiros choques sérios entre tropas vietnamitas e Khmer Rouges aparecem em 1973.<sup>27</sup>

#### 1.4 Genocídio

O PCK construiu pelo menos doze divisões. Em 4 de abril de 1975, houve uma reunião do centro em que um dos líderes, Heng Samrim, informou que o plano era atacar, liberar Phnom Penh, e evacuar as cidades temporariamente. A transmissão do plano de evacuação levou um tempo e atingiu as demais zonas em diferentes versões. Algumas tropas da Zona do Sudeste foram avisadas, no dia 15 de abril, que o pretexto da evacuação temporária seria uma mentira. Já as tropas do Leste, foram informadas, na primeira semana de abril, que a evacuação seria realmente temporária.<sup>28</sup> Nas Zonas do Noroeste a evacuação da cidade só ocorreu uma semana depois, no dia 24 de abril. O fator que resultou nessa demora foi a difícil comunicação entre o centro e as distantes Zonas do Noroeste.<sup>29</sup>

Na noite de 16 de abril de 1975, granadas foram lançadas do Sul. Mais tarde, surgiram rumores de que as forças do Khmer Rouge haviam tomado a cidade Takhmau, fronteira ao sudoeste da capital. Inúmeras pessoas, incluindo os soldados de Lon Nol, fugiram

---

<sup>26</sup> POWER, Samantha, *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 131

<sup>27</sup> COURTOIS, Stéphane; WERTH, Nicolas; PANNÉ, Jean-Louis; PACZKOWSKI, Andrzej; BARTOZEK, Karel; MARGOLIN, Jean-Louis, *O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 691

<sup>28</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 34

<sup>29</sup> *Ibidem*. p. 50

amedrontadas com o avanço dos comunistas. No dia seguinte pela manhã, Lon Nol ordenou às suas tropas que se rendessem. De imediato, Khmer Rouge entrou em Phnom Penh, desarmou os soldados do Estado, os fizeram tirar seus uniformes e os obrigaram a segui-los. Ao mesmo tempo, entravam nas residências e expulsavam as pessoas de suas casas.<sup>30</sup>

O Khmer Rouge usava constantemente em seus discursos o nome de Angkar, comparando sua política com a da era Angkoriana. No período de evacuação das cidades, os soldados do Khmer Rouge ordenavam que as pessoas saíssem de suas casa sem levar nada, pois Angkar supriria suas necessidades e guiá-lhes-ia. Nenhuma daquelas pessoas sabia ao certo o que era Angkar, mas se viam obrigadas a obedecer às ordens.<sup>31</sup> Uma extensão da história do Camboja ajudou a dar forma às políticas do Khmer Rouge. Entre os séculos IX e XV, um Indo-Budista Reino Khmer, Angkor, instalado no Noroeste do Camboja, era uma poderosa força no Sudeste Asiático, que estendia a sua influência à Tailândia, Vietnã e Laos. Várias esculturas, templos e escrituras em khmer comprovam o grandioso e complexo Reino.<sup>32</sup> Foi um período cheio de violência, em que as concubinas repudiadas eram levadas para serem pisoteadas por elefantes e as populações vencidas eram deportadas em massa para as zonas desérticas. O grau de violência e intolerância dos Angkoreanos se assemelhava ao do Khmer Rouge.<sup>33</sup> Depois de ser banido no século XV, seguido de uma série de ataques do norte, o centro de poder do Camboja mudou para Phnom Penh. Muitos dos templos ficaram associados a espíritos ancestrais. Nos próximos séculos, o poder e a cruel guerra da época Angkoriana foi gradativamente sendo esquecida. No final do século XIX, quando o Camboja virou parte da Indochina Francesa, estudiosos franceses descobriram o Angkor. Decifraram suas escrituras, nomearam seus reis Angkoreanos, supervisionaram a restauração do maior templo e estabeleceram a seqüência da arte cambojana. Os franceses apresentaram evidências da grandiosa autonomia e independência do Camboja. A partir de então, a herança Angkoriana foi usada pelos nacionalistas cambojanos para diferenciar o Camboja de seus vizinhos e para reforçar sua própria identidade.<sup>34</sup>

---

<sup>30</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 35

<sup>31</sup> *Ibidem*. p. 41

<sup>32</sup> HENDRICKSON, Dylan. *Safeguarding Peace: Cambodia's Constitutional Challenge*. Disponível em: <<http://www.c-r.org/our-work/accord/cambodia/index.php>>. Acesso em: 22 ago. 2008

<sup>33</sup> COURTOIS, Stéphane; WERTH, Nicolas; PANNÉ, Jean-Louis; PACZKOWSKI, Andrzej; BARTOZEK, Karel; MARGOLIN, Jean-Louis, *O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 737

<sup>34</sup> HENDRICKSON, Dylan. *Safeguarding Peace: Cambodia's Constitutional Challenge*. Disponível em: <<http://www.c-r.org/our-work/accord/cambodia/index.php>>. Acesso em: 22 ago. 2008

Mesmo com os cidadãos de Phnom Penh tentados a acreditar no pretexto de que o Khmer Rouge iria protegê-los de eventuais bombardeios americanos e assegurar seu abastecimento, foi um choque inesperado para os habitantes a maneira como tiveram que abandonar suas casas. Durante a evacuação das cidades, não houve brutalidades e nem mortes excessivas. As pessoas assassinadas eram, em geral, soldados do governo anterior ou civis que negaram a se retirar junto com os demais. A vida que os soldados do Khmer Rouge tiravam dessas pessoas servia como mero exemplo para a população, fazendo com que todos ficassem amedrontados e não hesitassem em obedecer aos comandos que lhes eram dados.<sup>35</sup> Havia uma enorme desorientação entre as tropas de diferentes Zonas do Khmer Rouge. Alguns grupos entravam nas casas e pediam para que as pessoas se retirassem imediatamente sem levar nenhum bem. Outros, simplesmente, diziam para que ficassem em casa. Os que obrigavam as famílias a se retirarem não sabiam ao certo para onde toda aquela gente iria, orientavam-nas, então, a irem para qualquer lugar que quisessem.<sup>36</sup> Durante a retirada não havia distinção. Velhos, jovens, crianças, doentes ou operados nos hospitais, famílias inteiras, todos tinham que se retirar da cidade. As pessoas estavam horrorizadas, tendo que deixar suas casas e seus bens em menos de 24 horas. Embora os soldados dissessem às famílias que era apenas por três dias, todos estavam assustados ao verem milhares de pessoas nas ruas sendo empurradas por soldados sérios e inflexíveis. Durante o tumulto do êxodo, vários parentes se perderam definitivamente.<sup>37</sup> A ocupação e evacuação foram caóticas. As várias forças do Khmer Rouge freqüentemente se contradiziam e algumas vezes entravam em conflito.<sup>38</sup>

A evacuação foi o primeiro maior trauma do período Khmer Rouge, não somente para a população da cidade, como para as tropas do novo regime. As divisões e as contradições que a organização sofreu durante o êxodo só aumentaram nos anos seguintes.<sup>39</sup>

Em poucos dias, o país já estava completamente isolado e com o nome de Kampuchea Democrático. A chegada dos cidadãos urbanos incomodava as pessoas das zonas rurais e desequilibrava o balanço entre recursos e consumos da região. Além disso, o Khmer Rouge fazia questão de aumentar o abismo entre eles. A população rural era chamada de

---

<sup>35</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 692

<sup>36</sup> Ibidem. p. 40

<sup>37</sup> COURTOIS, Stéphane; WERTH, Nicolas; PANNÉ, Jean-Louis; PACZKOWSKI, Andrzej; BARTOZEK, Karel; MARGOLIN, Jean-Louis, *O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 693

<sup>38</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 34

<sup>39</sup> Ibidem. p. 64

“Pracheachon Chah” (antigo povo ou povo de base), muitas vezes chamados também de “70”, por estarem sob o domínio do PCK desde o início da guerra. E a população urbana era chamada de “Pracheachon Thmei” (novo povo), conhecidos também de “75” ou “17 de abril”. O Khmer Rouge estabeleceu um verdadeiro “apartheid”, estimulando o ódio de classes. Havia um direito diferenciado. Os Antigos tinham direito de cultivar uma parcela privada e de comerem melhor na cantina e antes dos outros. Os Antigos e Novos não tinham direito de se misturarem.<sup>40</sup> A propaganda feita pelos Khmers Rouges para os Antigos era, em geral, a seguinte: 1. O povo da cidade teve uma vida fácil, enquanto a população rural sempre teve uma vida difícil. 2. As pessoas da cidade eram exploradores. 3. A moral das cidades sobre o controle de Lon Nol não era pura e limpa como nas áreas libertadas. 4. As pessoas da cidade fugiam do trabalho produtivo.<sup>41</sup>

Em pouco tempo, os Khmers Rouges passaram a estimular a distinção dentro dos dois grupos. Entre os Antigos, incentivaram os camponeses pobres a oporem-se aos latifundiários, aos camponeses ricos e aos ex-comerciantes. Entre os Novos, foram separados os não-funcionários e os não-escolarizados dos antigos funcionários do Estado e dos intelectuais.<sup>42</sup>

As deportações dos Novos eram constantes. Poucos meses depois de se instalarem, grande parte deles eram forçados a se dirigirem a diferentes locais. Eram comuns três ou quatro deportações sucessivas. As intenções do regime nas deportações eram várias: impedir qualquer laço duradouro entre Novos e Antigos, e até mesmo entre os próprios Novos; “proletarizar” ao máximo os Novos, impedindo-os de levarem seus bens e de terem tempo de colher o que haviam semeado; estabelecer controle completo sobre os fluxos da população; e, eliminar ao máximo os fracos, considerados por eles como “bocas inúteis” - a maioria das deportações era feita a pé, sendo muitas vezes fatais para os cambojanos já esgotados e desnutridos.<sup>43</sup>

Todos que eram considerados inimigos do Khmer Rouge eram eliminados. Para Pol Pot havia dois tipos de inimigos. Os externos e internos. Os externos incluíam os “imperialistas” e “fascistas” como os Estados Unidos e os “revisionistas” e “hegemonistas”

<sup>40</sup> COURTOIS, Stéphane; WERTH, Nicolas; PANNÉ, Jean-Louis; PACZKOWSKI, Andrzej; BARTOZEK, Karel; MARGOLIN, Jean-Louis, *O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 694

<sup>41</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 62

<sup>42</sup> COURTOIS, Stéphane; WERTH, Nicolas; PANNÉ, Jean-Louis; PACZKOWSKI, Andrzej; BARTOZEK, Karel; MARGOLIN, Jean-Louis, *O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 695

<sup>43</sup> Ibidem. p. 695

como a União Soviética e o Vietnã. Os inimigos internos eram aqueles considerados desleais. Todos os militares graduados e altos funcionários civis do regime de Lon Nol foram executados, sem exceção.<sup>44</sup>

No Kampuchea Democrático não havia livros, tribunais, universidades, diversão ou esportes. Não era tolerado qualquer tempo ocioso. A vida cotidiana da população seguia uma rotina diária de doze horas de trabalhos físicos, duas horas para comer, três horas para repouso e educação e sete horas de sono.<sup>45</sup> Muitas vezes, o ritmo de trabalho não era superior ao que o camponês cambiano estava acostumado. A grande diferença estava na quase ausência de momentos de repouso, nas pouquíssimas pausas de descanso durante o trabalho e, principalmente, na má alimentação.<sup>46</sup> O Khmer Rouge deixava nas pessoas a sensação de perda de referências e valores comparando-as com animais através de parábolas: “Vocês vêem esse boi que puxa o arado. Ele come onde nós mandamos. Se o deixarmos pastar nesse campo, ele come. Se o levarmos para outro campo onde não haja erva suficiente, ele pasta, apesar de tudo. Não se pode deslocar. É vigiado. E, quando lhe dizemos que puxe o arado, ele o puxa. Ele nunca pensa na mulher, nem nos filhos”.<sup>47</sup> O povo, principalmente os Novos, era considerado como burro de carga ou um escravo de guerra. Só tinham direito ao trabalho. Tudo que podiam esperar eram ferramentas rudimentares e pequenas quantidades de ração. E para aqueles que se saíssem mal no trabalho, por menor que fosse o erro, recebiam os piores castigos sendo considerados preguiçosos.<sup>48</sup> O Khmer Rouge simplesmente desprezava por completo a vida daquelas pessoas. Era comum ouvi-los dizer aos cidadãos que mantê-los não era um ganho e matá-los não era uma perda.<sup>49</sup> Muitos eram tentados a fugir, estimulados por uma vigilância relativamente frouxa. Sem bússola ou mapa, geralmente em estação de chuva para dificultar a perseguição dos soldados, sem nenhum alimento e já com o corpo debilitado, devido à má-nutrição e o excesso de trabalho, a grande maioria que conseguia fugir acabava morrendo no percurso.<sup>50</sup>

---

<sup>44</sup> POWER, Samantha, *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 149

<sup>45</sup> COURTOIS, Stéphane; WERTH, Nicolas; PANNÉ, Jean-Louis; PACZKOWSKI, Andrzej; BARTOZEK, Karel; MARGOLIN, Jean-Louis, *O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p.711

<sup>46</sup> Ibidem. p. 714

<sup>47</sup> Ibidem. p. 711

<sup>48</sup> Ibidem. p. 712 e 713

<sup>49</sup> POWER, Samantha, *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 150

<sup>50</sup> COURTOIS, Stéphane; WERTH, Nicolas; PANNÉ, Jean-Louis; PACZKOWSKI, Andrzej; BARTOZEK, Karel; MARGOLIN, Jean-Louis, *O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 712 e 713



Pol Pot raramente aparecia em público. Ninguém sabia ao certo sobre o seu passado. Escondia até mesmo o seu verdadeiro nome, Solath Sar. Pol Pot acreditava que na sombra poderia exercer melhor o poder. Para ele, a ignorância era a chave principal para a insegurança. Ninguém poderia se sentir seguro. A vida da população já não pertencia a si mesma. O povo era totalmente orientado a trabalhar o dia inteiro quase sem descanso, obcecado pela fome, criticados todo o tempo e sempre lembrados pelos soldados de que a menor falha poderia originar grandes problemas. Para os Khmers Rouges não havia acidentes, nem acasos e muito menos inaptidões, mas sim, traições. Todos tinham seu passado investigado e sob qualquer suspeita eram levados para as prisões, interrogados, torturados, e, se julgados culpados, mortos.<sup>51</sup>

Os sentimentos familiares eram tratados com o maior desprezo. Muitas vezes não era concedido o direito de ver um parente no hospital ou até mesmo morto.<sup>52</sup> Quando alguém pedia permissão para isso, escutava dos soldados que estava tendo sentimentos individualistas e deveria se libertar desses sentimentos.<sup>53</sup> Só poderia existir amor pelo Angkar, a Organização.<sup>54</sup> Quando um cambojano foi ajudar uma vizinha gravemente doente e os seus dois filhos, ouviu de um Khmer Rouge que não era seu dever ajudá-la, pelo contrário, isso provava que ele ainda tinha piedade, sentimento de amizade. Disse, ainda, que era preciso renunciar a esses sentimentos e extirpar do seu espírito as propensões individualistas.<sup>55</sup>

Tudo no Kampuchea Democrático era extremamente limitado: os cidadãos não podiam se deslocar – passes de viagens eram exigidos até mesmo para atravessar um povoado; não podiam escolher o que aprender - todas as bibliotecas foram destruídas, era proibido falar qualquer língua estrangeira, só podiam estudar os tratados permitidos pelo Khmer Rouge; não podiam lembrar o passado – lembranças do que passou eram proibidas; não podiam flertar; não era permitido rezar – capelas e templos foram saqueados, mulçumanos eram forçados a comer carne de porco e monges budistas não podiam usar hábitos; não podiam possuir propriedade privada – todo dinheiro e propriedade foram

---

<sup>51</sup> COURTOIS, Stéphane; WERTH, Nicolas; PANNÉ, Jean-Louis; PACZKOWSKI, Andrzej; BARTOZEK, Karel; MARGOLIN, Jean-Louis, *O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 722 e 723

<sup>52</sup> Ibidem. p. 721

<sup>53</sup> Ibidem. p. 721

<sup>54</sup> JOFFÉ, Roland; PUTTNAM, David. *Os Gritos do Silêncio*. [Filme – DVD]. Produção de David Puttnam, direção de Roland Joffé. Inglaterra, Editora NBO, Goldcrest Films, 1984. DVD / NTSC, 142 min. color.

<sup>55</sup> COURTOIS, Stéphane; WERTH, Nicolas; PANNÉ, Jean-Louis; PACZKOWSKI, Andrzej; BARTOZEK, Karel; MARGOLIN, Jean-Louis, *O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 721

abolidos e o banco nacional foi explodido; e não podiam fazer contato algum com o mundo exterior.<sup>56</sup>

Inicialmente, o Khmer Rouge eliminou todos os “inimigos” políticos. Em seguida, o regime passou a aniquilar também os vietnamitas, chineses, chams muçulmanos e monges budistas, considerando todos como traidores. Todas as pessoas que tinham alguma deficiência, seja mental ou física, não eram boas para trabalhar para Angkar e eram também eliminadas. Pouco depois, passaram a exterminar todos os intelectuais.<sup>57</sup> O Khmer Rouge culpava os intelectuais por levarem uma vida mansa nos anos de luta. Eles pediam para as pessoas, que tinham alguma formação acadêmica, se declararem. Diziam, ainda, que Angkar já os havia perdoado e a partir daquele momento, seria o ano zero, tudo iria recomeçar. Porém, as pessoas que se declararam foram levadas e nunca mais apareceram.<sup>58</sup> Era proibido qualquer tipo de livro. As pessoas sem passado eram favorecidas.<sup>59</sup> Matavam todos que usavam óculos, pois julgavam que sabiam ler, indicando que eram estudados.<sup>60</sup> Para os comunistas, não havia necessidade de ir à escola, pois a escola era o campo. Os certificados eram inúteis. Nem médico era necessário, já que os doentes eram considerados fracos e preguiçosos e, por isso, não prestavam para fazer parte do Regime. Os engenheiros e professores eram considerados profissionais capitalistas e corruptos, portanto não precisavam deles.<sup>61</sup> Desta forma, seu exército era formado por pobres de mente vazia e não por aqueles que tinham instrução. O Khmer Rouge agia de acordo com o seguinte pensamento de Mao Tse-tung: “Uma folha de papel em branco não traz nenhum fardo e nela podem ser inscritos os mais belos caracteres e pintados os mais belos quadros”.<sup>62</sup> Para eles, o importante era o saber prático. Julgavam que as crianças rurais sempre tiveram conhecimentos muito mais

---

<sup>56</sup> POWER, Samantha, *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 148

<sup>57</sup> *Ibidem*. p. 150

<sup>58</sup> JOFFÉ, Roland; PUTTNAM, David. *Os Gritos do Silêncio*. [Filme – DVD]. Produção de David Puttnam, direção de Roland Joffé. Inglaterra, Editora NBO, Goldcrest Films, 1984. DVD / NTSC, 142 min. color.

<sup>59</sup> COURTOIS, Stéphane; WERTH, Nicolas; PANNÉ, Jean-Louis; PACZKOWSKI, Andrzej; BARTOZEK, Karel; MARGOLIN, Jean-Louis, *O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 739

<sup>60</sup> POWER, Samantha, *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 159

<sup>61</sup> COURTOIS, Stéphane; WERTH, Nicolas; PANNÉ, Jean-Louis; PACZKOWSKI, Andrzej; BARTOZEK, Karel; MARGOLIN, Jean-Louis, *O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 743

<sup>62</sup> POWER, Samantha, *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 116

úteis, pois sabiam diferenciar a vaca calma da nervosa, conheciam as variedades de arroz, eram os senhores da natureza.<sup>63</sup>

Apesar de o exército comunista ser formado por soldados sem nenhuma escolaridade, quase a totalidade dos líderes do regime estudaram na França e aderiram ao “Partido Comunista Francês” (PCF). Porém, é muito difícil encontrar algo de significativo, tanto na prática quanto no discurso do “Partido Comunista do Kampuchea” (PCK), que tenha a sua clara origem na França. Os líderes do regime eram muito mais práticos do que teórico.<sup>64</sup>

Em geral, os cambojanos só tinham direito a sopa de arroz rala que continha, aproximadamente, quatro colheres de café de arroz por pessoa. Ao longo do tempo, as colheitas de arroz ficaram catastróficas e, com isso, as rações diárias reduziram-se drasticamente. Assim, essa quantidade de comida era insuficiente, principalmente comparada ao grande esforço físico que a população era obrigada a exercer. Muitas pessoas roubavam comida para sobreviver. Se fossem surpreendidas nesse delito, poderiam receber desde uma advertência até a execução. Nem mesmo rãs, caranguejos, lagartos, serpentes, formigas escapavam da fome violenta dos famintos. Alguns alimentos, como cogumelos, mal selecionados e crus provocavam um grande número de morte. O corpo enfraquecido das pessoas, devido à desnutrição, ficava propício a um conjunto de doenças. Nada comovia os Khmers Rouges. Os doentes, sempre suspeitos de serem preguiçosos, só poderiam deixar de trabalhar para ir ao hospital. Porém, os hospitais eram considerados mais um lugar de eliminação da população do que de cura. A pouca ração oferecida no dia-a-dia para a população era reduzida à metade nos hospitais. Além de serem tratados com desprezo, o risco de epidemias era altíssimo. Um grupo de 15 jovens com varicela ficou internado no hospital. Eles não receberam qualquer cuidado médico, foram obrigados a dormir no chão, mesmo com as feridas provocadas pelas erupções cutâneas. Desses jovens, apenas um sobreviveu.<sup>65</sup>

A paranóia de Pol Pot em relação aos traidores crescia cada vez mais: todos que iam ouvi-lo eram revistados; ele mudava de residência constantemente; suspeitava que seus cozinheiros quisessem envenená-lo; e, mandou executar eletricitistas que ele julgava culpados pelos cortes de energia. Pol Pot via inimigos em todos os lados, inclusive no seu próprio regime. Enquanto estava no poder, mandou prender alguns dos seus mais antigos

---

<sup>63</sup> COURTOIS, Stéphane; WERTH, Nicolas; PANNÉ, Jean-Louis; PACZKOWSKI, Andrzej; BARTOZEK, Karel; MARGOLIN, Jean-Louis, *O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 741

<sup>64</sup> Ibidem. p. 745

<sup>65</sup> Ibidem. p. 717 e 718

companheiros de revolução, considerados por ele mesmo seus amigos pessoais. Autorizou torturá-los e executá-los.<sup>66</sup> Para o Khmer Rouge, não importava se o inimigo estava dentro ou fora do grupo – todos tinham que ser eliminados. Ele baseava-se na irrelevância do indivíduo. Em sua ideologia, era preferível matar dez homens inocentes do que deixar vivo um homem culpado.<sup>67</sup>

Aos poucos, o regime entrava em contradição. O projeto do Khmer Rouge era formar uma nação poderosa e numerosa. Porém, além das inúmeras pessoas assassinadas e mortas por doenças ou esforço excessivo, havia os constrangimentos impostos à sexualidade e ao casamento. E, mais ainda, a desnutrição causava a redução da libido, dessa forma, houve uma drástica redução na natalidade.<sup>68</sup>

Os líderes pareciam convencidos de que o futuro grandioso estava ao seu alcance no final do Plano de Quatro Anos (1977 – 1980), apresentado por Pol Pot em 1976. Esse plano pretendia desenvolver uma maciça produção e exportação de produtos agrícolas, de modo a realizar o acúmulo de capital. A princípio, o objetivo era garantir a industrialização leve e diversificada da agricultura, para mais tarde, transformá-la em pesada e poderosa. Porém, o plano não foi bem administrado. O Khmer Rouge almejou um esforço enorme da população para passar para três toneladas por hectare de arroz – em 1970, não se produzia mais do que uma tonelada. Queriam passar rapidamente de uma para duas colheitas por ano, e, futuramente, três. Além disso, planejaram triplicar a área dos arrozais no Noroeste. Isso significou o desmatamento de novas terras e desenvolvimento de irrigação em uma enorme escala. Inclusive, em algumas regiões, os líderes cortaram todas as árvores, incluindo as frutíferas, para destruir o abrigo de pardais que prejudicavam a plantação, eliminando mais uma fonte de alimentação da população esfomeada. Por outro lado, outras culturas eram deixadas em segundo plano e o esforço da população não era sequer avaliado. Quase não permitiam descanso e a alimentação era extremamente fraca. Dessa forma, tornava-se impossível, para os trabalhadores, desenvolver um grande esforço para produzir o que quer que fosse, levando a população a um esgotamento, muitas vezes, mortal. Além do descaso com a preparação da população para o trabalho, havia uma grande desorganização nos

---

<sup>66</sup> COURTOIS, Stéphane; WERTH, Nicolas; PANNÉ, Jean-Louis; PACZKOWSKI, Andrzej; BARTOZEK, Karel; MARGOLIN, Jean-Louis, *O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 751

<sup>67</sup> POWER, Samantha, *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 151

<sup>68</sup> COURTOIS, Stéphane; WERTH, Nicolas; PANNÉ, Jean-Louis; PACZKOWSKI, Andrzej; BARTOZEK, Karel; MARGOLIN, Jean-Louis, *O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 742

campos. Inúmeros arrozais eram abandonados completamente. Muitos dos Novos eram levados para regiões privadas de recursos para terem uma nova concepção de mundo, deixando as regiões férteis sem mão-de-obra. Somente um quinto das terras semeadas era explorada.<sup>69</sup>

## 1.5 Apoio da China

Desde meados de 1950 até as vésperas de Revolução Cultural em 1966, a China mantinha boas relações com o Camboja. Os líderes chineses tinham dois objetivos: encorajar o Camboja a não participar da aliança com os Estados Unidos e Mao tinha o interesse de usar o Príncipe Sihanouk, um nacionalista ferrenho e orgulhoso, como instrumento para limitar a influência vietnamita no Camboja.<sup>70</sup>

Na Conferência de Bandung, em 1955, o primeiro-ministro chinês, Zhou Enlai, garantiu apoiar a neutralidade do Camboja. A partir de então, iniciava-se a amizade entre os dois países. Zhou Enlai advertiu Sihanouk sobre a perigosa política americana e induziu-o a empregar conselheiros militares franceses para treinar suas tropas ao invés dos conselheiros americanos. Por sua vez, o Príncipe garantiu ao primeiro-ministro que não iria se juntar a nenhum bloco militar e nem providenciar bases militares para os Estados Unidos. No ano seguinte, durante uma visita à China, Zhou elogiou a política de paz e neutralidade adotada por Sihanouk. Concordou, ainda, em providenciar uma ajuda econômica equivalente a oito milhões de libras esterlinas.<sup>71</sup>

Pouco depois, Sihanouk deixou a China um tanto quanto insatisfeita após ter aceitado ajuda militar americana. O Príncipe também mostrou a sua insatisfação com a China, criticando a relutância do país em ajudar a formar uma proteção que garantisse a integridade regional do Camboja. Contudo, apesar desses pequenos atritos, a relação de amizade entre eles continuava sólida.<sup>72</sup>

Em junho de 1958, aumentando as tensões entre o Camboja e Vietnã do Sul, a China declarou seu apoio ao Camboja nesse conflito. Em junho do mesmo ano, foram estabelecidas

---

<sup>69</sup> COURTOIS, Stéphane; WERTH, Nicolas; PANNÉ, Jean-Louis; PACZKOWSKI, Andrzej; BARTOZEK, Karel; MARGOLIN, Jean-Louis, *O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 713 - 715

<sup>70</sup> ZHAI, Qiang. China and the Cambodian Conflict, 1970-1975. *Searching for the Truth*, Phnom Penh, Edição Especial em Inglês, jul.2003. p. 15

<sup>71</sup> Ibidem. p. 15

<sup>72</sup> Ibidem. p. 16

relações diplomáticas entre os dois países.<sup>73</sup> No final de 1960, o Camboja e a China assinaram o Acordo de Amizade e Não-Agressão. Esse tratado estipulava que os dois países deveriam seguir a política de não-agressão entre eles e não poderiam se juntar a blocos militares que eram designados contra o outro.<sup>74</sup>

Quando Sihanouk rompeu relações diplomáticas com os Estados Unidos, em maio de 1960, Zhou Enlai escreveu para o Príncipe elogiando sua decisão e garantindo que, se os Estados Unidos espalhasse a guerra para o Camboja, ele poderia contar com a ajuda da China. Em resposta ao apoio chinês, o Camboja também colaborava. Quando a guerra dos comunistas aumentou no Sul do Vietnã, Sihanouk liberou o transporte de armas, munições, comidas e medicamentos para o “Frente Nacional de Libertação” (FNL) no sul do Vietnã através do Camboja.<sup>75</sup>

Há alguns anos, os líderes chineses já notavam a força do crescente grupo comunista revolucionário no Camboja. Inclusive, os líderes chineses já conheciam Pol Pot pessoalmente. Sua primeira visita a China foi em 1965. Ele voltou ao Camboja no ano seguinte, antes da Revolução Cultural eclodir. Após seu retorno, Pol Pot começou a planejar o conflito contra o regime do Príncipe Norodom Sihanouk, em 1967. Ele mudou o nome do seu partido conhecido como “Partido dos Trabalhadores” para “Partido Comunista do Kampuchea” (CPK). Isso mostrou um distanciamento do “Partido dos Trabalhadores do Vietnã” e uma aproximação ao “Partido Comunista Chinês”.<sup>76</sup>

No início de 1970, Sihanouk viajou a Paris para um exame médico anual e estendeu a sua viagem para Pequim e Moscou na expectativa de discutir sobre a pressão vietnamita em seu país. Já em Moscou, Sihanouk prolongou a sua estada na União Soviética para uma maior discussão com os líderes russos. Durante sua viagem, Lon Nol depôs Sihanouk, através de um golpe de estado. O novo regime exigiu a retirada das forças vietnamitas revolucionárias do Camboja. O primeiro-ministro soviético informou ao Príncipe que ele havia sido deposto. Sihanouk julgou o ocorrido inconstitucional e imoral.<sup>77</sup>

---

<sup>73</sup> ZHAI, Qiang. China and the Cambodian Conflict, 1970-1975. *Searching for the Truth*, Phnom Penh, Edição Especial em Inglês, jul.2003. p. 16

<sup>74</sup> Ibidem. p. 17

<sup>75</sup> Ibidem. p. 18

<sup>76</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 126

<sup>77</sup> ZHAI, Qiang. China and the Cambodian Conflict, 1970-1975. *Searching for the Truth*, Phnom Penh, Edição Especial em Inglês, jul.2003. p. 21 e 22

Após receber a notícia, a China condenou o golpe de Lon Nol como uma expansão da política americana na Indochina e não reconheceu o novo regime. Os líderes chineses continuaram tratando Sihanouk como o único chefe de Estado cambojano. Mao disse ainda que continuaria apoiando o povo cambojano a lutar contra os Estados Unidos. Com o regime de Lon Nol no poder, Sihanouk ficou residindo na China.<sup>78</sup> Percebendo a falta de força militar do Príncipe para opor-se aos Estados Unidos, os oficiais chineses decidiram fazer o possível para convencer o Khmer Rouge a se juntar com Sihanouk e formar uma coalizão para se opor ao inimigo em comum, os Estados Unidos. Sem muita relutância, Pol Pot aceitou a proposta.<sup>79</sup>

Tanto a União Soviética quanto o Vietnã do Norte estavam interessados em influenciar o Camboja. Competindo com os outros dois países, a China se sentiu obrigada a adotar duas medidas: apoiar Sihanouk e explorar a possibilidade de cooperação com o regime de Lon Nol. Porém, apesar de Pequim e Washington dividirem o mesmo objetivo de manter os soviéticos fora do Camboja, eles discordavam na liderança do grupo político do país.<sup>80</sup>

Em fevereiro de 1973, Sihanouk organizou algumas viagens para a parte comunista do Camboja. Contudo, o Khmer Rouge negava sua entrada com a desculpa de que era inseguro para ele devido aos bombardeios americanos. Zhou Enlai interveio e explicou para um dos líderes dos comunistas cambojanos, Ieng Sary, as vantagens políticas em permitir a visita de Sihanouk. Com as pressões chinesas, os líderes do Khmer Rouge cederam. No ano seguinte, a China concordou em fornecer ajuda em equipamentos militares.<sup>81</sup>

A principal razão para a China apoiar os comunistas cambojanos tem a ver com a mudança de percepção dos líderes chineses no laço entre o Khmer Rouge e os Vietnamitas do Norte durante esse período. Em 1974, Pol Pot ficou independente de Hanói, e seus maiores conflitos ocorreram entre suas forças e as tropas norte-vietnamitas. Eles perceberam, através da força e determinação do Khmer Rouge, que para serem melhores do que os vietnamitas e os soviéticos era preciso apoiar Pol Pot. Mao via no Camboja um contrapeso contra as ambições do Vietnã na Indochina. Pequim teve um importante papel na ajuda do Khmer Rouge a conquistar o poder.<sup>82</sup>

---

<sup>78</sup> ZHAI, Qiang. China and the Cambodian Conflict, 1970-1975. *Searching for the Truth*, Phnom Penh, Edição Especial em Inglês, jul.2003. p. 21 e 22

<sup>79</sup> Ibidem. p. 23

<sup>80</sup> Ibidem. p. 29

<sup>81</sup> Ibidem. p. 29

<sup>82</sup> Ibidem. p. 31

Após a retirada dos americanos no Camboja, em 12 de abril de 1975, a ajuda chinesa aumentou ainda mais. Em setembro, a China ofereceu US\$ 1 bilhão em ajuda militar e econômica, incluindo US\$ 20 milhões como presente. Essa tinha sido a maior ajuda que um país havia recebido da China até o momento. Ao mesmo tempo, Pequim cortou sua ajuda ao Vietnã. Os trens passavam várias vezes ao dia, com 25 a 30 vagões lotados de arroz chinês.<sup>83</sup>

Durante todo o ano de 1975, os chineses ofereceram 61 mil toneladas de arroz, 30 mil toneladas de combustível, 3 mil toneladas de querosene, 200 toneladas de óleo de máquina, 250 toneladas de pesticidas, 3,300 toneladas de tecido, 60 toneladas de remédios, 1,8 milhão de enxadas, 200 mil pás e 20 mil bicicletas. Em agosto, o líder Khieu Samphan visitou a China. Durante sua visita, Mao esperava receber pedidos de ajuda, mas Samphan assinou um contrato para vender arroz para China. Por seis meses, Camboja exportou para China 2,400 toneladas de borracha, 2,200 toneladas de madeira, 200 toneladas de pimenta preta, 113 toneladas de coco e 39 toneladas de sementes de *sleng*. Além de a China ser o país a fornecer mais ajuda ao Camboja, era o único que tinha um programa de assistência militar.<sup>84</sup>

## 1.6 Limpeza étnica

### 1.6.1 Etnia Chinesa

Embora os líderes do Khmer Rouge tivessem o apoio político e financeiro da China, eles não hesitaram em classificar os chineses, residentes no Camboja, de inimigos do Estado. Os chineses eram equiparados aos corruptos, intelectuais, capitalistas, funcionários do antigo regime e traidores.<sup>85</sup>

Inicialmente, os comunistas cambojanos receberam um grande apoio dos simpatizantes chineses, principalmente, quando Lon Nol mandou fechar todas as escolas chinesas. Os problemas étnicos começaram a aparecer em 1973, quando os revolucionários decidiram que o Camboja deveria ter apenas uma nacionalidade e uma língua, o khmer. Os comunistas não aceitavam a multiplicidade étnica, nem diferentes culturas, artes ou costumes.<sup>86</sup>

---

<sup>83</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 129

<sup>84</sup> Ibidem. p. 130-134

<sup>85</sup> CHAN, Sambath. *The Chinese Community in Cambodia. Searching for the Truth*, Phnom Penh, Edição Especial em Inglês, abr. 2003. p. 15 e 19

<sup>86</sup> Ibidem. p. 19



Muitos chineses morreram durante o Regime de Pol Pot. É difícil determinar a principal causa das execuções e maus-tratos. As evidências mostram que, para os chineses que viviam sob o regime do Kampuchea Democrático, a questão étnica era apenas mais um dos vários fatores que determinavam como eles iriam ser tratados.<sup>87</sup> Os chineses recebiam as piores punições pelas menores infrações cometidas. A maioria dos chineses urbanos, e até mesmo os que nasceram em áreas rurais cambojanas, não estavam acostumados ao pesado trabalho manual.<sup>88</sup> Muitos chineses não morreram assassinados, mas os Khmers Rouges os forçavam a trabalhar mais e sob piores condições do que os agricultores, fazendo com que vários morressem de fome e doenças.<sup>89</sup>

Para que os chineses sobrevivessem, era preciso que eles abdicassem sua cultura e adotassem os costumes dos khmers. O idioma chinês, falado ou escrito, era determinadamente proibido, não sendo tolerado, nem por um instante, a comunicação, entre eles, em sua língua materna. Aqueles que desobedecessem era punidos com trabalhos mais pesados ou eram executados.<sup>90</sup>

### 1.6.2 Etnia Vietnamita

Em setembro de 1975, os comunistas expulsaram, aproximadamente, 150 mil civis vietnamitas do Camboja e muitos deles foram massacrados durante o seu retorno ao Vietnã. Porém, 10 mil ainda permaneceram sob o regime comunista cambojano. Em meados de 1976, os vietnamitas foram proibidos de saírem do Camboja.<sup>91</sup>

O massacre contra os vietnamitas começou naquele mesmo ano. Em algumas regiões, muitos oficiais do Khmer Rouge ordenaram que os maridos cambojanos matassem suas próprias esposas vietnamitas. Mais tarde, os oficiais mataram esses maridos e seus filhos. Em 1977, o Centro do PCK instruiu aos oficiais locais que prendessem todos da etnia vietnamita, e os khmers que falassem vietnamita. O grau de hostilidade variava entre o comando de cada região.<sup>92</sup>

### 1.6.3 Etnia Khmer Krom

<sup>87</sup> CHAN, Sambath. *The Chinese Community in Cambodia. Searching for the Truth*, Phnom Penh, Edição Especial em Inglês, abr. 2003. p. 21

<sup>88</sup> *Ibidem*. p. 20

<sup>89</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 289

<sup>90</sup> CHAN, Sambath. *The Chinese Community in Cambodia. Searching for the Truth*, Phnom Penh, Edição Especial em Inglês, abr. 2003. p. 21

<sup>91</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 297

<sup>92</sup> *Ibidem*. p. 298

Os 700 mil vietnamitas de etnia khmer são conhecidos no Camboja como khmer krom. Eles falam cambojano com certo sotaque vietnamita. A imigração deu início, no século XIX, estabelecendo comunidades khmer krom em Phnom Penh e no noroeste. Até mesmo alguns líderes do PCK, como Ieng Sary e Son Sen, eram khmer krom.<sup>93</sup>

Apesar de esses importantes oficiais serem khmer krom, isso não intimidou vários líderes do Khmer Rouge a massacrar esse grupo. O líder que mais agrediu os khmer krom foi Ta Mok, secretário da Região Sudoeste. Para Mok, eles eram vietnamitas e, por isso, considerados agressores em solo cambojano. Os trabalhos mais pesados eram reservados às pessoas identificadas como khmer krom, mesmo quando estavam doentes. Aparentemente, durante 1975 e 1977, o massacre desse povo ficou limitado à Região Sudoeste. Apesar de na Região Oeste as autoridades terem anunciado em 1977 que qualquer khmer krom que entrasse naquele território seria executado.<sup>94</sup>

#### 1.6.4 Etnia Tailandesa e Laosiana

Em 1975, mais de 5 mil tailandeses fugiram pelas fronteiras com a Tailândia e pouco se sabe sobre o destino deles. Os que não conseguiram fugir tiveram que participar da evacuação das cidades e juntar-se aos trabalhadores do novo regime. Alguns tailandeses foram presos e executados, acusados pelos soldados de serem espiões da Tailândia.<sup>95</sup>

A minoria de etnia laosiana no Camboja se concentrava no nordeste de Stung Treng e Rattanakiri, províncias cambojanas fronteiriças com Laos. Apesar de a língua loasiana ser proibida, os laosianos eram tratados, pelo PCK, da mesma forma que os khmers.<sup>96</sup>

#### 1.6.5 Etnia Cham

Em 1471, o povo cham, originário do Reino de Champa localizado no sudeste asiático, foi invadido pelo Vietnã e colonizado pelos seus camponeses. Apesar de o Reino não mais existir, a religião islâmica ainda persiste entre seu povo. Muitos comerciantes chams se estabeleceram no Camboja.<sup>97</sup>

Apesar de os chams realizarem freqüentes atividades comerciais, eram considerados, pelo Khmer Rouge, como Antigos. Em 1974, Pol Pot ordenou secretamente a dispersão, de forma progressiva, desses povoados. Inicialmente, os chams eram bem tratados pelos

---

KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 298

<sup>94</sup> Ibidem. p. 300

<sup>95</sup> Ibidem. p. 300

<sup>96</sup> Ibidem. p. 301

<sup>97</sup> Ibidem .p. 253

membros do Khmer Rouge, que os consideravam excelentes guerreiros. Aos poucos essa situação foi mudando. Os comunistas revolucionários ordenaram que os chams mudassem seus nomes para outros mais parecidos com os dos khmers, além de proibir que as mulheres usassem saias e cabelos compridos. A mentalidade cham, assim como sua língua, foi abolida definitivamente no novo regime. Ironicamente, enquanto os cambojanos não tinham direito a nenhum tipo de carne, apenas uma sopa rala de arroz, os chams eram obrigados a comer carne de porco pelo menos duas vezes por semana, o que é considerado um grande pecado pela religião islâmica.<sup>98</sup>

Conseqüentemente, os chams rebelaram-se contra o regime o que resultou em inúmeras mortes. Em 1978, o Khmer Rouge começou a aniquilar sistematicamente as comunidades chams, sem distinção de mulheres, homens ou crianças.<sup>99</sup> Estima-se que dos 500 mil chams que viviam no Camboja, apenas 200 mil sobreviveram.<sup>100</sup>

### 1.7 Crise interna no regime

No início de 1976, começavam a surgir certas inquietações em algumas províncias e desconfianças em relação a determinados líderes do PCK. Após uma tentativa de envenenamento a Pol Pot em março, soldados da Zona Leste montaram sua base, sob supervisão de Chakrey, no rio leste de Phnom Penh. O objetivo era bombardear o quartel de Pol Pot. Mas, o Centro do Regime descobriu o plano e os surpreendeu antes que o ataque ocorresse. No mesmo mês foram jogadas granadas no palácio real. Em maio, foi preso Chak Yun, comandante do batalhão do 73º Regimento. Yun confessou, através de tortura, que Chakrey o tinha mandado matar Sihanouk no palácio, e seus comandantes superiores do 73º Regimento e da 170ª Divisão executar Angkar (Pol Pot). Logo após a confissão de Yun, Chakrey e os comandantes citados foram presos. Muitos soldados pareciam não mais querer servir ao PCK. Queriam voltar para suas casas, ter o direito de se casar e viver uma vida melhor. Em 1977, cerca de 600 tropas de Chakrey juntaram-se aos rebeldes.<sup>101</sup>

---

<sup>98</sup> COURTOIS, Stéphane; WERTH, Nicolas; PANNÉ, Jean-Louis; PACZKOWSKI, Andrzej; BARTOZEK, Karel; MARGOLIN, Jean-Louis, *O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 706

<sup>99</sup> Ibidem. p. 707

<sup>100</sup> POWER, Samantha, *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 175

<sup>101</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 321 à 323

Em maio de 1976, Pol Pot considerou Phnom Penh vulnerável. O líder alertou a todos os oficiais que ficassem atentos não apenas às incursões estrangeiras, mas também, a uma possível rebeldia interna. Além disso, sugeriu que a maioria das forças armadas ficasse com a população e deixasse apenas a quantidade suficiente de militares nas fronteiras. No mesmo período, o Centro se mudou para o leste. Em julho e agosto, houve a prisão de Chhouk, secretário da Região 24, Ly Phen, comissário político das forças armadas da Zona Leste, e Bun Soni, diretor da Zona de Plantações de Borracha. O Kampuchea Democrático começa a entrar em uma grave crise interna.<sup>102</sup>

O alvo maior era a Zona Leste. Pol Pot percebeu que tinha muito mais traidores do leste do que nas outras zonas. Então, em dezembro de 1976, os líderes do Khmer Rouge começaram a fazer uma “limpeza” na região, prendendo todos que demonstrassem o mínimo de suspeita. Na maioria das vezes, os presos eram torturados, sendo obrigados a confessar o que provavelmente não haviam feito. Outras vezes, os comandantes inventavam uma desculpa qualquer, simplesmente, para ter um motivo para matar aquelas pessoas consideradas traidoras. Não tanto quanto no leste, a Zona Norte também precisava ser “purificada”. Essa região sofria influência de alguns traidores, crescendo a quantidade de insurgentes. Mesmo depois de o Centro ter aprisionado dois dos mais altos comandantes da região norte, a perseguição continuou. Em agosto e setembro de 1977, o secretário da 174ª Divisão, o comissário do 901º Regimento, vários outros líderes oficiais da Zona, e os secretários das Regiões 41, 42 e 43 foram todos levados para a prisão de Tuol Sleng. Ao todo, 35 importantes líderes da Zona Norte julgados culpados, foram mortos nesse ano.<sup>103</sup>

O extermínio dos soldados de Lon Nol e o confinamento dos intelectuais em trabalhos pesados no campo sob condições desumanas espalharam a raiva entre os Novos. Já a proibição à religião, ao dinheiro e às deportações afetaram os Antigos. Além disso, ocasionalmente alguém desaparecia durante a noite. Em fevereiro de 1977, as autoridades da Região 106 convocaram 700 trabalhadores de cada vila da província Siemreap para construir uma represa em Tonle Sap, provocando uma enorme revolta nas pessoas da região. No dia 8 de fevereiro, tropas de Phnom Penh chegaram a Chikreng, reorganizando as unidades locais, prendendo o chefe do distrito e substituindo-o. Em março, três líderes em Chikrong encorajaram a população a se rebelar. A revolta começou na vila Pring com mais de 200 habitantes armados com facas e machados. Os insurgentes mataram vários oficiais do PCK

---

<sup>102</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 323-325

<sup>103</sup> Ibidem. p. 338 e 339

durante alguns dias. Com a chegada das tropas do sudeste, a população ficou esperançosa, acreditando que o Khmer Rouge tinha se retirado definitivamente e que a nova tropa representava o partido de Sihanouk. Contudo, o povo estava enganado. Os novos soldados eram até mais cruéis do que os outros. Os rebeldes foram levados e mortos. Não havia prisões, apenas execuções. A maioria dos soldados e quase toda a totalidade dos oficiais que comandavam a região antes da rebelião foram levados pelo novo grupo e desapareceram.<sup>104</sup>

Cada vez mais, aumentava o sentimento anti-Pol Pot. Crescia de forma alarmante o número de rebeliões, assassinatos e prisões nas províncias, principalmente, do norte e leste do país. A repressão ficava cada vez maior. Assim como a população e os soldados do atual governo, líderes do PCK considerados suspeitos também foram torturados e muitas vezes executados, o que ajudou a impulsionar a rebeldia e aumentar a vontade de uma vida melhor sem o comando daquele regime tão cruel. Dessa forma, além de o país ter que lutar contra os estrangeiros, também tinha que deter a forte e crescente crise interna.

### **1.8 Enfraquecimento do regime Khmer Rouge**

A população diminuía drasticamente. Várias pessoas, pelo menor motivo, eram executadas. Muitos faleciam por maus-tratos, desnutrição, doença ou esforço excessivo. Além do elevado índice de morte da população, a taxa de natalidade diminuía de forma alarmante. Isso ocorria devido aos constrangimentos impostos à sexualidade e ao casamento e à falta de libido causada pela subalimentação. Os que não haviam sido executados estavam extremamente fracos e exaustos para executar de forma realmente progressiva o árduo trabalho imposto. Isso fazia com que não houvesse população suficiente para fazer crescer fortemente o sistema agrícola e tornar o Plano de Quatro Anos realidade.<sup>105</sup>

A Região do Leste era diferente das outras. Essa Zona tinha uma ligação com o vietcongue e era ideologicamente mais orientada a respeito do comunismo do que os outros grupos do Khmer Rouge. Por esse motivo, estava frequentemente envolvida em conflitos com as forças das outras Regiões. Além disso, os soldados do leste se diferenciavam por seus

---

<sup>104</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 340 à 345

<sup>105</sup> COURTOIS, Stéphane; WERTH, Nicolas; PANNÉ, Jean-Louis; PACZKOWSKI, Andrzej; BARTOZEK, Karel; MARGOLIN, Jean-Louis, *O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 742

uniformes verdes e seu comportamento mais moderado durante a evacuação de Phnom Penh e na administração da Zona.<sup>106</sup>

Inúmeros soldados não serviam mais ao Regime com o mesmo afinco que antes. Muitos já não estavam mais motivados a obedecer, queriam voltar para casa, ter melhores condições de vida, direito de se casar e construir uma família. As prisões estavam lotadas não só com os considerados traidores, como intelectuais, minoria étnica e forças do antigo governo, mas também com inúmeros soldados do Khmer Rouge, igualmente sujeitos a torturas e mortes.<sup>107</sup>

Pol Pot já desconfiava de todos, inclusive de seus oficiais mais graduados e que eram considerados por ele mesmo de confiança. Para Pol Pot, os inimigos estavam em todos os lugares.<sup>108</sup> Muitos dos líderes e altos oficiais do Khmer Rouge eram presos, torturados até confessarem seus envolvimento com a oposição e, em seguida, executados.<sup>109</sup>

Além de o Khmer Rouge hostilizar seu próprio povo, passou a agredir também seus vizinhos. Em 1977, o Regime de Pol Pot começou a ameaçar mais fortemente as regiões fronteiriças com o Vietnã. Mais tarde, essas ameaças viraram violentos ataques.<sup>110</sup> Em 1978, o Khmer Rouge apresentava sinais de enfraquecimento. Já cansado dos ataques do país vizinho, o Vietnã, com o apoio da União Soviética, mandou cerca de 60 mil soldados para a fronteira do Camboja. Em janeiro de 1979, o vizinho Vietnã depôs o sangrento Regime Khmer Rouge.<sup>111</sup>

---

<sup>106</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 314

<sup>107</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 323 e 324

<sup>108</sup> COURTOIS, Stéphane; WERTH, Nicolas; PANNÉ, Jean-Louis; PACZKOWSKI, Andrzej; BARTOZEK, Karel; MARGOLIN, Jean-Louis, *O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 751

<sup>109</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 352

<sup>110</sup> Ibidem. p. 357 e 358

<sup>111</sup> POWER, Samantha, *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 169 e 173

## CAPÍTULO 2

### OS CONFLITOS ENTRE O CAMBOJA E O VIETNÃ E A INTERVENÇÃO VIETNAMITA

#### 2.1 Atritos entre Camboja e Vietnã

Logo após a queda de Phnom Penh, o PCK recebeu uma grande ajuda militar da China, encorajando, assim, as tropas do partido a conquistar a cidade de Takeo, em 18 de abril de 1975, que serviu de base para o Khmer Rouge. Em seguida, as tropas foram imediatamente direcionadas às fronteiras do Vietnã e alguns líderes ordenavam que seus soldados lutassem contra o Vietnã e conquistassem o território vietnamita. O PCK dizia que o Kampuchea Krom, território sul-vietnamita, era parte do território cambojano. Já, Hanói alegava que, no dia seguinte da queda de Saigon pelos comunistas, as forças do Khmer Rouge atacaram, ultrapassando a fronteira dos dois países, causando uma grande perda humana e material para a população fronteiriça. Em 19 de abril, comandantes da marinha do Kampuchea Democrático lançaram uma ofensiva marítima e bombardearam duas ilhas do Vietnã do Sul. Porém, antes da queda de Saigon, as forças vietnamitas do sul conseguiram recuperar uma das ilhas. Em maio do mesmo ano, o PCK ocupou a ilha Tho Chu do Vietnã e destruiu vilas, matou várias pessoas e raptou inúmeros habitantes da ilha. Os vietnamitas responderam capturando 600 dos combatentes do Khmer Rouge e se apoderaram da ilha cambojana, Wai.<sup>112</sup>

Pol Pot organizava algumas reuniões para discutir a retomada de todo o Kampuchea Krom quando, devido à ocupação dos comunistas vietnamitas no Delta do Rio Mekong e com a vitória de Hanói, seus planos tiveram que mudar. Foi necessária uma rápida retirada para reatar as relações com o Vietnã. Em 18 de maio, Khieu Samphan, um dos líderes do PCK, viajou para a cidade de Ho Chi Minh, no Vietnã, para participar da comemoração da vitória dos vietnamitas. Dias depois, a Rádio de Phnom Penh anunciou que o Rio Mekong estava aberto para navegar para o Camboja através do Vietnã. No mês seguinte, foi permitido viajar

---

<sup>112</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 102

de carro da cidade de Ho Chi Minh até Phnom Penh. Pol Pot disse a Nguyen Van Linh, representante do “Partido dos trabalhadores do Vietnã”, que o choque ocorreu devido à ignorância geográfica das tropas cambojanas. O representante do Vietnã devolveu aos oficiais cambojanos a ilha Wai e sugeriu a criação de um comitê para resolver os problemas locais. Em 12 de junho, Pol Pot propôs um tratado de amizade e não-agressão baseado no respeito mútuo pela independência, soberania e integridade territorial. Sua intenção era que os vietnamitas aceitassem formalmente a demarcação marítima já existente, conhecida como Linha Brevié. Mas os vietnamitas não concordaram, preferindo negociar um novo acordo fronteiriço a aceitar a Linha Brevié. Essa decisão mostrou-se prejudicial ao Vietnã, pois, sem o acordo fronteiriço, o Camboja reservou-se o direito de continuar sua conquista territorial além da Linha Brevié<sup>113</sup>.

## 2.2 A Linha Brevié e remarcação territorial

Em 1976, os dois partidos comunistas concordaram em negociar um tratado fronteiriço. Nos encontros preparatórios para a negociação, os vietnamitas acusaram o Kampuchea Democrático de iniciar oito choques desde março, incluindo duas invasões na província Mondolkiri, em maio, causando várias mortes e ferindo muito vietnamitas. Os cambojanos negaram e acusaram o Vietnã de terem atirado em quatro navios chineses, que atravessavam o mar vietnamita, carregados de suplementos para o Kampuchea.<sup>114</sup>

O maior problema da negociação foi a Linha Brevié. Em 1939, o governador-geral francês da Indochina, Jules Brevié, determinou limites administrativos e políticos entre o protetorado francês do Camboja e a colônia da Cochinchina (sul do Vietnã). A fronteira terrestre estava claramente delimitada, porém, nenhuma limitação havia sido marcada no mar. Brevié nunca criou uma demarcação marítima, mas desenhou uma linha no litoral de um ângulo de 140 graus no Golfo de Siam, desviando ao norte, para a margem da ilha Phu Quol. As ilhas do sul dessa linha ficavam sob o controle administrativo e político do Vietnã do Sul e as do norte, sob o controle do Camboja. Mas Brevié não entrou no mérito da soberania, dizendo que a propriedade dessas ilhas ainda não estava definida. Mesmo esses limites sendo de caráter administrativo, mais tarde, o Kampuchea Democrático considerou-os como fronteira entre o Camboja e o Vietnã. Em 1967, os comunistas vietnamitas reconheceram a

---

<sup>113</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 102-111

<sup>114</sup> Ibidem. p. 110



existência das fronteiras do Camboja, porém, nenhuma limitação marítima foi incluída no acordo. Hanói havia aceitado o uso da Linha Brevié para demarcar soberania sobre suas ilhas, mas nada havia sido acordado sobre a questão marítima<sup>115</sup>.

No encontro de 1976, sem a participação de Pol Pot e Ieng Sary, os vietnamitas propuseram usar o último mapa francês antes de 1954 para demarcar as fronteiras terrestres. O Kampuchea Democrático alegou que só aceitaria usar esse mapa como base da discussão se algumas melhorias fossem feitas nele. Os cambojanos propuseram 11 mudanças. No final, os dois lados concordaram em ceder territórios se a maioria da população, que habitava o local, fosse da etnia do outro. Isso não envolvia grandes territórios como o Kampuchea Krom, apenas as pequenas partes fronteiriças. Como o Khmer Rouge já havia expulsado a maioria dos vietnamitas dessas regiões, seria uma grande concessão do Vietnã.<sup>116</sup>

Em relação às fronteiras marítimas, o Vietnã queria criar uma linha dividindo o mar em dois, já o Camboja, usar a linha Brevié. Porém, nenhum dos dois lados parecia estar disposto a ceder. Durante esses encontros, nada havia sido acordado por escrito, principalmente a parte marítima. Em junho de 1976, estava programada a conferência para finalmente decidir as questões fronteiriças tanto da parte terrestre quanto do mar. Contudo, essa conferência nunca aconteceu<sup>117</sup>.

### 2.3 Início da Guerra

Durante 1976, não houve nenhum registro de incidente significativo nos limites territoriais entre o Camboja e o Vietnã. Em 1977, o Khmer Rouge iniciou o conflito, aumentando as tensões na fronteira. Mas o choque mais violento ocorria no sudoeste do Camboja, fronteira com o Vietnã. A situação se agravou a partir de março, quando as tropas do Kampuchea Democrático ultrapassaram as fronteiras e massacraram 200 civis, incluindo khmers e vietnamitas, perto da vila Prey Tameang. Pouco tempo depois, outro ataque foi desferido sobre a mesma cidade. Quando o Khmer Rouge entrava nas vilas fronteiriças, as pessoas corriam para suas casas, mas os soldados do Camboja, alegando que os vietnamitas haviam construído seus lares em território khmer, queimavam todas as residências, bens e matavam os que não conseguiam fugir. Os militantes diziam também que o território khmer

---

KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 102-111

<sup>116</sup> Ibidem. p. 121 e 122

<sup>117</sup> Ibidem. p. 120-125

precisava ser libertado. Entre setembro e novembro de 1977, quatro divisões das forças cambojanas atacavam constantemente a fronteira com a província de Tay Ninh, matando e ferindo mais de 1000 civis. A população do Vietnã pedia para que os militares de seu país lutassem contra o Khmer Rouge, mas, segundo eles, não havia ordens superiores para isso. Durante o ano de 1977, os vietnamitas não entraram no território cambojano. O discurso dos comunistas cambojanos tinha mudado muito em relação aos anos anteriores. No começo do regime o tema do Khmer Rouge era aglomerar as pessoas e fazer com que elas trabalhassem, depois mudaram para ataques e vitória sobre o Vietnã.<sup>118</sup>

No passado, autoridades reais e feudais, junto com os colonos franceses, causaram a perda do território do Kampuchea Krom para os vietnamitas. A fronteira entre Kampuchea e Vietnã foi considerada uma violação de justiça perante o Kampuchea. Por isso, o governo do Kampuchea Democrático exige mudanças na linha fronteira. Então, os militares do país decidiram retomar todo o seu antigo território. Em relação às fronteiras marítimas, o Kampuchea Democrático considerava a Linha Brevié como os limites do mar entre o Camboja e Vietnã. Porém, na verdade, a Linha Brevié era uma mera demarcação administrativa. Não havia nenhum real acordo delimitando as fronteiras marítimas entre os dois países.<sup>119</sup>

Os oficiais do Khmer Rouge diziam que o Kampuchea Krom era território cambojano. Então, algumas Zonas se juntaram com o objetivo de lutar e recuperar o território krom. Os trabalhadores eram incentivados a trabalhar muito. O objetivo era aumentar a produção ao máximo para dar suporte às forças revolucionárias, visando a recuperação daquele território. Usavam, também, em seus discursos, o pretexto de que eles haviam derrotado os americanos imperialistas e agora poderiam vencer os vietnamitas e recuperar o território que, historicamente, pertenceu ao Camboja.<sup>120</sup>

O Kampuchea Democrático estava também incentivando uma rebelião armada pelos khmers kroms contra o governo vietnamita. Pol Pot enviou agentes através da fronteira para fomentar a revolta. Além disso, o Kampuchea Democrático estava enviando secretamente armas para Kampuchea Krom, ajudando, assim, os khmers kroms a combaterem os vietnamitas. Em julho de 1977, foi organizada uma conferência na Zona Leste. Nessa reunião, foi planejado um ataque em larga escala na fronteira com o Vietnã. A proposta era preparar

---

<sup>118</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 357-360

<sup>119</sup> Ibidem. p. 360

<sup>120</sup> Ibidem. p. 361

alguns membros do grupo para entrar no território inimigo e coletar informações para o ataque. Embora algumas forças do Sudoeste já tivessem começado o conflito desde março, as forças do leste só iriam atacar se os vietnamitas agredissem.<sup>121</sup>

Todo esse planejamento de entrar nas fronteiras do Vietnã e recuperar o Kampuchea Krom era organizado em segredo. Os vietnamitas não esperavam que o Khmer Rouge fosse atacá-los e ainda tentavam reatar laços com o Kampuchea Democrático. Em 24 de setembro, sob o comando de Son Sen, as tropas cambojanas atravessaram a fronteira para a província de Tay Ninh e massacraram quase 300 civis em 4 vilas dos distritos de Tan Bein e Ben Cau. A primeira retaliação significativa do Vietnã ocorreu imediatamente. Depois de dirigirem 15 milhas pela fronteira cambojana, na província de Svay Rieng, os vietnamitas fingiram retirar-se. Enquanto os batalhões do Khmer Rouge entravam no Vietnã, tropas vietnamitas saíram dos arredores, onde estavam escondidos, e pegaram centenas de cambojanos na armadilha.<sup>122</sup>

Em novembro, já crescia uma resistência anti-Pol Pot, liderado por, aproximadamente, 15 membros, na maioria, comunistas veteranos e membros do antigo Partido Comunista da Indochina. Milhares de khmers refugiados foram para o Vietnã. Muitos deles, motivados pela humilhação e o extremo sofrimento enquanto estavam sob o poder dos comunistas cambojanos, se juntaram às tropas vietnamitas aumentando a resistência contra o regime de Pol Pot.<sup>123</sup>

## 2.4 Primeira invasão vietnamita

Como o Khmer Rouge continuava tentando infiltrar-se no sul do Vietnã e conquistar suas regiões, intensificando os conflitos na fronteira, Hanói, já farto dos ataques de Pol Pot, preparou uma invasão, com o apoio da União Soviética, mandando mais de 60 mil soldados<sup>124</sup>, forças aéreas, exército e artilharia para o conflito. Após uma breve aparição em 22 de dezembro de 1977, os vietnamitas voltaram uma semana depois com tanques e infantaria. As tropas do centro e do leste localizadas na fronteira, rapidamente, se retiraram para o Oeste. A situação no Camboja estava extremamente tensa. Em janeiro, as tropas do

---

<sup>121</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 365

<sup>122</sup> Ibidem. p. 370-373

<sup>123</sup> Ibidem. p. 373 e 374

<sup>124</sup> POWER, Samantha, *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 169

Vietnã retornaram para o seu país. Mais de 100 mil khmers das regiões fronteiriças fugiram com as forças vietnamitas.<sup>125</sup>

Em dezembro de 1977 e durante todo o ano de 1978, o Kampuchea Democrático rompeu oficialmente relações diplomáticas com o Vietnã.<sup>126</sup> Em segredo, Pol Pot organizou um ataque contra os inimigos vietnamitas dentro e fora de suas fronteiras. O líder do Khmer Rouge disponibilizou 60% das forças regulares e regionais cambojanas para entrar no território inimigo e dar início à guerra. Em janeiro do ano seguinte, Pol Pot reuniu um grande número de civis, soldados e oficiais na Região Leste. No encontro, o líder começou com sua fórmula aritmética de que cada cambojano deveria matar 30 vietnamitas e lutar com toda força para reconquistar o sul do Vietnã. Disse, ainda, que o Kampuchea Krom também tinha que ser libertado. Pol Pot incentivava os khmers kroms a fazerem uma rebelião e se juntarem às forças do Khmer Rouge.<sup>127</sup>

No dia 5 de fevereiro de 1978, Hanói ofereceu uma nova proposta ao Kampuchea Democrático. Convidou os cambojanos para negociar uma retirada mútua das tropas no limite de 5 quilômetros nos dois lados da fronteira e uma supervisão internacional naquelas regiões para evitar conflitos. Provavelmente se o Khmer Rouge tivesse aceitado a proposta, teria sobrevivido. Porém, isso significaria abandonar a política agressiva do PCK perante o Vietnã. Com o apoio da China, a vontade de retomar o sul do Vietnã e a instabilidade dentro do regime, os líderes do Khmer Rouge não estavam preparados para abandonar suas políticas. O PCK definitivamente estava disposto a fazer tudo o que fosse preciso para retomar o Kampuchea Krom, e isso não se resolveria com simples promessas e negociações. Os oficiais do Kampuchea Democrático recusaram, até mesmo, a entrega da cópia da proposta de paz de Hanói. Com isso, no final do mesmo mês, Hanói decidiu secretamente que o regime do Khmer Rouge deveria ser deposto.<sup>128</sup>

O PCK começou a evacuar as áreas vulneráveis, como foi feito em 1975 em Phnom Penh, preparando-se para guerra. Enquanto isso, continuaram suas invasões na fronteira. Em março, o Khmer Rouge invadiu a província vietnamita, Ha Tien, massacrando milhares de camponeses vietnamitas e khmers.<sup>129</sup>

---

<sup>125</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 374 e 375

<sup>126</sup> POWER, Samantha, *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 169

<sup>127</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 386

<sup>128</sup> *Ibidem*. p. 387 e 388

<sup>129</sup> *Ibidem*. p. 389

## 2.5 Apoio do Vietnã aos rebeldes

Durante o ano de 1978, as forças anti-Pol Pot aumentavam cada vez mais, assim como as rebeliões internas. No Sul, já havia 200 rebeldes do centro, mais de 100 tropas regionais, mais de 300 infantarias do distrito, comandados por Chea Sim, Chum Sambor, Sae Chhum e Sar Kheng. No final de agosto, um dos líderes insurgentes, Heng Samrin, organizou uma reunião de rebeldes, cujo principal objetivo era planejar uma união e criar uma Frente, uma organização formal para dar força à resistência. Os líderes organizaram a preparação e, o mais importante, fizeram contato com o Vietnã.<sup>130</sup>

As forças dos revoltosos eram inadequadas para proteger todos os civis cambojanos escondidos do PCK. Por isso, muitos deles, civis e revoltosos, seguiram para as fronteiras vietnamitas. Inúmeros morreram na travessia devido aos campos cheios de minas. Quando o grupo ultrapassou a fronteira, pediram ajuda aos vietnamitas e os vizinhos garantiram o suporte. O líder que guiou o grupo ao Vietnã, Tith Sou, avisou a Heng Samrin e Chea Sim sobre o apoio recebido. Em seguida, os líderes se encontraram novamente e começaram a organizar a Frente. Em setembro, Chea Sim, também atravessou a fronteira com um grupo de 300 pessoas, a maioria soldados, além de outro grupo de 700 pessoas, sendo a maioria civis, considerados pelo Khmer Rouge como Antigos. Até mesmo as tropas vietnamitas entraram no Camboja para levar 200 cambojanos e escoltar o líder rebelde, Heng Samrin. Muitos que estavam refugiados na floresta, logo seguiram para o país vizinho também.<sup>131</sup>

Os vietnamitas usavam o rádio para fazer propaganda contra o Khmer Rouge. Pediam que os cambojanos levantassem e lutassem para derrubar o bando de Pol Pot e Ieng Sary. O Vietnã começou a treinar os cambojanos que haviam conseguido fugir para o seu país. Aos poucos, o Vietnã intensificou sua aproximação com a União Soviética, recebendo carregamentos militares cada vez maiores. A União Soviética juntou-se ao Vietnã contra o regime genocida do Khmer Rouge e apoiou a luta anti-Pol Pot.<sup>132</sup>

A ajuda vietnamita foi de extrema importância para os rebeldes, pois, eles já não tinham mais suprimentos, munições, comida, remédios, roupas, entre outros. Além disso, não tinham nenhuma base ou abrigo. Os rebeldes perceberam que dessa forma não iriam

<sup>130</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 440

<sup>131</sup> Ibidem. p. 441

<sup>132</sup> POWER, Samantha, *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 174

conseguir derrubar as forças de Pol Pot. No final de 1978, já havia mais de meio milhão de refugiados cambojanos.<sup>133</sup>

Em dezembro, na província cambojana Kratie, foi inaugurada a “Frente para a Salvação Nacional do Kampuchea” (FSNK) em uma reunião de 70 soldados rebeldes e oficiais. Heng Samrin foi proclamado o líder da Organização. Em semanas, a Frente se espalhou pelo Camboja com força total.<sup>134</sup>

## 2.6 Entrevista com Pol Pot

Enquanto estava no poder, Pol Pot fazia a sua propaganda contra o Vietnã para a comunidade internacional e para os cambojanos. Em dezembro de 1978, o líder comunista do Camboja foi entrevistado pela agência chinesa, Sin Hua Press. Durante a entrevista, Pol Pot tentou mostrar a sua visão em relação ao país vizinho e fazer propaganda de seu governo para a população do Kampuchea e os outros países.<sup>135</sup>

Ele afirmou que o Vietnã tentou conquistar o Kampuchea e fazer com que o país integrasse a União Indochinesa consistindo de um só partido, um só povo, um só país, ou seja, um só Vietnã. Desde quando os vietnamitas reunificaram o norte e o sul, eles começaram a colocar em prática os planos de unificação da Indochina e Sudeste Asiático. O líder do Khmer Rouge disse ainda que o Vietnã e a União Soviética acreditavam ser capazes de derrotar o Kampuchea, controlar os outros países do sudeste asiático facilmente e, em seguida, todo o mundo. O Kampuchea seria apenas o primeiro passo desse plano. Mas, para ele, isso não se concretizaria, pois, o povo cambojano não deixaria e resistiria fortemente. O Vietnã usaria a tática de “rápido-ataque-rápida-vitória”, que ele acreditava ser impraticável, pois, o país não tinha base no Kampuchea, nem pessoas e nem suporte econômico suficiente. Sem o apoio militar, transporte de suprimentos, munições e soldados, os vietnamitas não eram fortes o bastante. Os cambojanos estavam em seu território, conheciam bem a localização geográfica do país, tinham muitos soldados e comida. Com essas vantagens, Pol Pot afirmava que, sem dúvida, o povo do Kampuchea Democrático iria derrotar os vietnamitas. Quando as tropas inimigas estivessem prontas, iriam atacar fortemente de uma vez. Porém, quando entrassem no território cambojano teriam que se dispersar e isso faria com que ficasse mais difícil

---

<sup>133</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 441

<sup>134</sup> Ibidem. p. 442

<sup>135</sup> NAN, Lin. Pol Pot's 1978 interview with China's Sin Hua Press Agency. *Searching for the Truth*, Phnom Penh, Edição Especial em Inglês, abr. 2003. p.4

transportar os suprimentos e munições para a linha de combate. Finalmente, as forças revolucionárias iriam interceptá-los, separá-los em grupos menores e destruí-los.<sup>136</sup>

Pol Pot continuou a entrevista dizendo que, desde quando o governo do Kampuchea Democrático alertou ao mundo sobre os planos de invasão vietnamita, três situações aconteceram deixando o Vietnã em desvantagem. Primeiro, em 1977, quando os vietnamitas começaram a espalhar a falsa propaganda do Kampuchea Democrático, o país era bem visto internacionalmente. Porém, logo em seguida, a situação se inverteu. O Vietnã ficou isolado. Precisou pedir ajuda a União Soviética. Mas, nem mesmo os soviéticos poderiam ajudar o país a se recuperar das suas falhas e do isolamento. O Vietnã só tinha um país que o apoiava e, mesmo assim, não era um bom suporte. A União Soviética não conseguiria ajudar efetivamente, pois eles não poderiam contar com a ajuda do Warsaw Military Alliance, já que não seria viável levar as forças militares da Europa para a Ásia. Cada vez mais as pessoas ficariam contra o Vietnã, o mundo cortaria a ajuda alimentícia, a organização econômica soviética, COMECON, não conseguiria ajudar e o país ficaria destruído. A segunda questão era o alimento. Pol Pot argumentou que se comparasse o estoque de alimentos dos dois países, observar-se-ia que o Vietnã estava passando fome, enquanto o Kampuchea comia arroz. Logo, o Camboja tinha uma vantagem em relação à comida. Com a deficiência de alimento do Vietnã, seria necessário pedir ajuda internacional. Mas só um país estava ajudando, a União Soviética. Segundo o líder cambojano, a situação vietnamita era grave. Se a guerra continuasse, eles sofreriam mais miséria. Por último, a política interna do Vietnã não era estável. Quando foi apresentado o plano de ataque ao Kampuchea, todos concordaram. Porém, quando o primeiro ataque falhou, começaram a haver discórdias entre os vietnamitas.<sup>137</sup>

No final da entrevista, Pol Pot disse que era necessário que os cambojanos defendessem a bandeira nacional, a soberania, a integridade territorial e a bandeira revolucionária, pois, Hanói não iria desistir de atacar o Kampuchea. Finalizou dizendo que estava mostrando a intenção e situação real do Vietnã. Contudo, como se observa na seção seguinte, não foi assim que a invasão, mais tarde, ocorreu e terminou.<sup>138</sup>

---

<sup>136</sup> NAN, Lin. Pol Pot's 1978 interview with China's Sin Hua Press Agency. *Searching for the Truth*, Phnom Penh, Edição Especial em Inglês, abr. 2003. p. 4 e 5

<sup>137</sup> Ibidem. p. 5

<sup>138</sup> Ibidem. p. 6

## 2.7 Segunda invasão vietnamita e fim do regime Khmer Rouge

Com a impopularidade e o isolamento do Khmer Rouge, o Vietnã acreditou que receberia elogios por derrubar Pol Pot. Além disso, Hanói não aceitava observar passivamente as contínuas invasões do Khmer Rouge em seu território.<sup>139</sup> Em 21 de dezembro de 1978, o ministro da defesa vietnamita, Vo Nguyen Giap, arregimentou o máximo de força para destruir o Khmer Rouge.<sup>140</sup> No dia seguinte, os aviões vietnamitas fizeram de quarenta a cinquenta investidas diárias no Camboja.<sup>141</sup> Três dias depois, Hanói iniciou uma massiva invasão no leste cambojano. Aproximadamente, 150 mil tropas vietnamitas e 150 mil rebeldes cambojanos, juntamente com o enorme suporte aéreo, lutavam na fronteira contra as forças do Kampuchea Democrático, em Kratie. Dias depois, bombardearam a cidade, invadiram os postos de comando e mataram todos os oficiais que encontraram.<sup>142</sup>

Muitos chineses conselheiros que viviam no Camboja fugiram em barcos pelo Kompong Som. Porém, logo os vietnamitas avançaram para o sul e impediram as rotas de fugas pelo mar. Em janeiro, a capital cambojana, Phnom Penh, foi invadida. A cidade foi cercada por, aproximadamente, 5 divisões vietnamitas. Todos os conselheiros estrangeiros, que viviam nas embaixadas na capital, foram avisados para deixarem a cidade temporariamente e irem para Battambang. Dia 3 de janeiro, as forças vietnamitas atingiram o nordeste e continuaram seguindo até a fronteira com a Tailândia. Poucos dias depois, Kompong Spue, cidade com um grande depósito de munição, foi bombardeada por aviões vietnamitas. A cidade foi completamente destruída por centenas de explosões secundárias.<sup>143</sup>

Sem o apoio do povo, o Khmer Rouge e seus líderes fugiram quase imediatamente para a selva, no norte do Camboja, e atravessaram a fronteira da Tailândia.<sup>144</sup> Alguns líderes ordenaram que soldados, oficiais e trabalhadores entrassem nos trens e fugissem com eles. Em todo o Camboja, a população que ainda estava sob o regime do Khmer Rouge, foi obrigada pelo PCK a irem para as montanhas. As condições eram lamentáveis. Todos foram proibidos de levar muita comida ou de parar para comer. Milhares de pessoas morreram de fome e

<sup>139</sup> POWER, Samantha, *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 175

<sup>140</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 450

<sup>141</sup> POWER, Samantha, *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 175

<sup>142</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 450

<sup>143</sup> Ibidem. p. 450 e 451

<sup>144</sup> POWER, Samantha, *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 175



doença durante a deportação no começo de 1979.<sup>145</sup> Apesar de tanto sofrimento durante a invasão, a queda do Kampuchea Democrático pelos vietnamitas significou, para os cambojanos, o retorno para casa. Milhares de deportados atravessaram o país em todas as direções à procura de seus parentes e voltaram para suas antigas vilas. Todos os prisioneiros deixaram as cadeias. Os bens confiscados pelo Khmer Rouge foram redistribuídos para a população.<sup>146</sup>

A vitória dos vietnamitas foi concluída no dia 7 de janeiro de 1979 com a tomada de Phnom Penh.<sup>147</sup> Com o suporte dos vietnamitas, a “República do Povo do Kampuchea” (RPK) foi gradualmente estabelecendo sua autoridade e a grande maioria da população cambojana a apoiou. Heng Samrin foi nomeado o presidente do partido e, Chea Sim se tornou o ministro do interior. Definitivamente, o regime genocida chegou ao fim.<sup>148</sup>

## 2.8 Governo pós-Khmer Rouge

Após a tomada de Phnom Penh pelo Vietnã, todos os líderes principais do Khmer Rouge e Sihanouk fugiram para Pequim. Muitos cambojanos foram para a fronteira Tailandesa. Assim, em janeiro de 1979, o partido RPK, influenciado pelos vietnamitas e de orientação socialista, conquistou o poder do Camboja. O partido era liderado por oficiais do Khmer Rouge que, durante o regime genocida, viraram anti-Pol Pot, lutando contra o seu governo. O Vietnã desconsiderou a resolução da ONU que pedia para que eles se retirassem do Camboja. Durante a década de 1980, os Estados Unidos e seus aliados isolaram o Camboja, cortando todos os laços econômicos e políticos. Depois, apoiaram o uso de toda força armada necessária pelas 3 facções de resistência – Khmer Rouge, FLNPK e FUNCINPEC – na fronteira do país com a Tailândia, conduzindo assim uma guerra contra o Vietnã e a União Soviética. A guerra se estendeu pela década, aumentando a esperança entre cambojanos exilados de que o governo influenciado pelos vietnamitas em Phnom Penh iria, em algum momento, entrar em colapso ou ser deposto. Com o final da Guerra Fria, os interesses das grandes potências estrangeiras no conflito diminuíram. O apoio da União

---

<sup>145</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 454

<sup>146</sup> Ibidem. p. 455

<sup>147</sup> POWER, Samantha, *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 175

<sup>148</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 455

Soviética ao Vietnã reduziu consideravelmente, culminando com a retirada das tropas vietnamitas do Camboja em 1989.<sup>149</sup>

O Primeiro Ministro Son Sann criou o anti-RPK, um movimento armado chamado “Frente de Libertação Nacional do Povo Khmer” (FLNPK), que tinha sua base na fronteira tailandesa. No início da década de 1980, o Khmer Rouge se reagrupou no norte sob o comando de Pol Pot. Sob muita pressão chinesa e de outras potências estrangeiras, Sihanouk criou o partido de resistência “Frente Unida Nacional por um Camboja Independente, Pacífico e Cooperativo” (FUNCINPEC). Mais de 100 mil tropas vietnamitas permaneciam no Camboja para apoiar o RPK.<sup>150</sup>

Durante 1980, o governo do Camboja foi desprovido de toda assistência econômica e humanitária da ONU. Além disso, o único partido que tinha permissão para ocupar o lugar do país nas Nações Unidas era o Khmer Rouge, que estava exilado. Foi criado um partido de resistência chamado “Governo de Coalizão do Kampuchea Democrático” (GCKD), que consistia nos dois partidos não-comunistas – FUNCINPEC e FLNPK – e o Khmer Rouge, sendo este último o mais poderoso dos três. As facções do partido de resistência dividiam entre si o ódio pelos Vietnamitas. Com o apoio militar recebido do norte, começa a guerra contra o partido influenciado pelo Vietnã, o RPK.<sup>151</sup>

De um lado estava Vietnã e a União Soviética, afirmando que a vontade do povo cambojano fora feita e que era inaceitável apoiar o regime genocida do Khmer Rouge. Do outro lado estavam a China, a Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) e os líderes do grupo de Pol Pot, argumentando que, apesar dos abusos do regime passado, nada justificava a invasão estrangeira.<sup>152</sup>

A China era o país que mais apoiava o Khmer Rouge, por isso, os Estados Unidos optou por dar suporte ao antigo governo do Camboja, pois não queria por em risco os laços recentes com a China.<sup>153</sup> Com o aumento da relação, no começo da década, a China e os Estados Unidos ajudaram a armar o Khmer Rouge. A CIA, por sua vez, apoiada pela Tailândia, Singapura e países europeus, asseguraram ajuda alimentícia e assistência militar para as três facções armadas. Com os benefícios que a Comunidade Internacional vinha

---

<sup>149</sup> HENDRICKSON, Dylan. *Safeguarding Peace: Cambodia's Constitutional Challenge*. Disponível em: <<http://www.c-r.org/our-work/accord/cambodia/index.php>>. Acesso em: 2 set. 2008

<sup>150</sup> Ibidem

<sup>151</sup> Ibidem

<sup>152</sup> POWER, Samantha, *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 180

<sup>153</sup> Ibidem. p. 180

oferecendo ao partido de resistência, a linha que separava a atividade humanitária e a guerra estava se desfazendo. A campanha americana para desestabilizar o Camboja e, conseqüentemente, o Vietnã, teve sucesso.<sup>154</sup>

A ASEAN também ajudou a enfraquecer o regime vietnamita apoiando o partido de resistência. Quando se intensificou a luta entre os partidos, a estabilidade na região ficou ameaçada. Porém, a ASEAN pouco pode fazer para conter o conflito, pois faltava capacidade militar no grupo para expulsar os vietnamitas do Camboja e preparo para assumir um papel de mediador. A ASEAN foi organizada para defender os interesses dos seus membros e adotava o princípio de não-intervenção. A organização, até então, sempre foi considerada mal equipada para prevenir ou resolver conflitos nos Estados não-membros. Diferenças dentro do grupo de como agir em relação à invasão vietnamita no Camboja, fizeram com que os membros da ASEAN agissem individualmente. Contudo, todos os Estados membros concordaram em usar a diplomacia para conter o conflito e pressionar os vietnamitas a se retirarem do país. Assim, com o apoio da ASEAN e dos Estados Unidos, as facções de resistência ocuparam o acento do Camboja na ONU, sob o partido de GCKD. Sihanouk se tornou o presidente do novo partido. Em seguida, o país foi totalmente isolado internacionalmente para pressionar as forças vietnamitas. Esse isolamento fez com que o Camboja fosse considerado um dos países mais pobres do mundo.<sup>155</sup>

Em 1986, Hun Sen é nomeado o Primeiro Ministro do RPK. No ano seguinte, Sihanouk e Hun Sen se encontram em Paris, marcando o início dos esforços para resolver o conflito do Camboja. Porém, a possibilidade, discutida no encontro, de formar uma coalizão entre o RPK, FUNCINPEC e FLNPK, excluindo o Khmer Rouge, foi rejeitada pelos Estados Unidos e China. Assim, em 1989, o Vietnã se deparou com uma enorme redução do apoio Soviético. Sem esse suporte, diminuindo suas forças, o Vietnã se viu obrigado a retirar suas tropas do Camboja.<sup>156</sup>

## 2.9 A escolha do mal menor

Após a queda do regime do Khmer Rouge, aos poucos foram aparecendo provas suficientes da total brutalidade causada pelo governo de Pol Pot. Isso fez com que muitos

---

<sup>154</sup> HENDRICKSON, Dylan. *Safeguarding Peace: Cambodia's Constitutional Challenge*. Disponível em: <<http://www.c-r.org/our-work/accord/cambodia/index.php>>. Acesso em: 2 set. 2008

<sup>155</sup> Ibidem.

<sup>156</sup> Ibidem.

oficiais americanos ficassem divididos a respeito de suas opiniões em relação à invasão vietnamita. O embaixador americano da ONU, Andrew Young, declarou aos repórteres em Nova Iorque:

Quase sempre penso que é errado um país transpor as fronteiras de outro, mas no caso do Camboja não me sinto terrivelmente transtornado. [...] é um país que matou tantos de seu próprio povo, não sei se algum americano pode ter uma opinião clara sobre isso. [...] É uma situação moral extremamente ambígua.<sup>157</sup>

A vitória vietnamita deixava, também, o presidente americano Carter diante da difícil escolha moral e política. Ele se viu obrigado a escolher entre um regime que executou quase 2 milhões de cambojanos e um regime comunista, apoiado pela União Soviética, que ultrapassou a fronteira internacional e ocupava, naquele momento, o país vizinho. Pouco depois os Estados Unidos tomaram sua decisão baseada em interesses. O presidente Carter apoiou o Khmer Rouge. Há algum tempo os Estados Unidos tentavam reatar os laços com a China e, esse desejo se concretizou em janeiro de 1979. Sendo assim, os Estados Unidos tinham interesses na China, e esta, por sua vez, estava apoiando o Khmer Rouge. Se os americanos fossem contra o grupo de Pol Pot, iria por em risco seus novos laços com a China. Ficar contra os vietnamitas não custaria nada para os americanos. Assim, os Estados Unidos começaram a censurar veementemente o Vietnã.<sup>158</sup>

A escolha do presidente Carter foi facilitada, pois, nos Estados Unidos ninguém se comprometeu a apoiar o Vietnã. Os anticomunistas americanos ainda estavam furiosos com a derrota do seu país pelos vietnamitas. Os comunistas estavam confusos com a aparentemente súbita divisão do sudeste asiático em dois campos comunistas rivais. Os americanos de esquerda, em geral, não se pronunciaram.<sup>159</sup>

Os próprios cambojanos também estavam confusos. Eles estavam contentes e aliviados por terem se libertado do sangrento regime do Khmer Rouge, mas se opunham à ocupação vietnamita. Para os cambojanos, os vietnamitas não haviam trazido a liberdade que eles tanto ansiavam. O cambojano Kassie Neou, ex-professor de inglês, declarou em uma entrevista que os vietnamitas os salvaram da morte certa e mereciam a gratidão do povo cambojano. Porém, com a contínua permanência das tropas vietnamitas, os cambojanos

---

<sup>157</sup> POWER, Samantha, *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 179

<sup>158</sup> *Ibidem*. p. 179 e 180

<sup>159</sup> *Ibidem*. p. 180

estavam confusos e incomodados, pois se o Vietnã já tinha cessado o genocídio e a população lhes havia agradecido, então não deveriam mais estar naquele território.<sup>160</sup>

A alegação do Vietnã de ter invadido o Camboja unicamente para deter as atrocidades do regime de Pol Pot e defender suas regiões fronteiriças dos ataques do Khmer Rouge ficavam cada vez menos compreensíveis com o passar do tempo. Os assessores vietnamitas lotavam os ministérios do governo cambojano e cerca de 200 mil soldados do Vietnã patrulhavam a zona rural do Camboja.<sup>161</sup>

Uma das vítimas do regime de Pol Pot, Ronnie Yimsut, disse que o resultado da invasão vietnamita pode ter sido bom ou ruim, dependendo do que o cambojano passou durante o regime do Khmer Rouge. Para a maioria dos khmers que sofreram no solo do Camboja sob o regime genocida, os vietnamitas foram, de fato, os libertadores e, até mesmo, enviados por Deus. Eles sabiam que se os vietnamitas não tivessem entrado no país e derrubado o regime, eles e seus parentes não teriam sobrevivido. Entretanto, aqueles que conseguiram fugir logo após a conquista de Phnom Penh, em 15 de abril de 1975, enxergaram a invasão do Vietnã de forma diferente. Para eles os vietnamitas eram simplesmente invasores. A visão deles era baseada em percepções históricas de que o Vietnã sempre roubou as terras do povo khmer e, que essa invasão, era mais uma de suas tentativas de conquistar mais terras cambojanas.<sup>162</sup>

---

<sup>160</sup> POWER, Samantha, *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 181

<sup>161</sup> Ibidem. p. 181 e 182

<sup>162</sup> YIMSUT, Ronnie. *Vietnam: Was it Liberation or Invasion?*. Disponível em: <<http://www.mekong.net/cambodia/jan7.htm>>. Acesso em: 2 set. 2008

## CAPÍTULO 3

### A LEGITIMIDADE DA INTERVENÇÃO VIETNAMITA

#### 3.1 Debate da comunidade internacional sobre a intervenção vietnamita

Após a intervenção do Vietnã, em janeiro de 1979, houve intensos debates na comunidade internacional sobre o assunto. Os países do Sudeste Asiático estavam receosos que a repercussão do conflito se espalhasse para outros países da região. Da mesma forma, os países membros das Nações Unidas também demonstraram sua preocupação levando o assunto sobre a intervenção para as reuniões da Assembléia Geral e do Conselho de Segurança. Nas subseções seguintes, foram analisadas a posição da comunidade internacional em relação à invasão vietnamita no Camboja.

##### 3.1.1 ASEAN

A ASEAN, Associação das Nações do Sudeste Asiático, foi estabelecida em Bangkok no dia 8 de agosto de 1967 pelos cinco países membros originais: Indonésia, Malásia, Filipina, Singapura e Tailândia. O Camboja aderiu à Organização no dia 30 de abril de 1999. O objetivo principal da ASEAN era acelerar o crescimento econômico, progresso social e desenvolvimento cultural da região e promover a paz e estabilidade entre os países do Sudeste Asiático. Os países membros adotaram os seguintes princípios fundamentais: respeito mútuo a independência, soberania, igualdade, integridade territorial e identidade nacional para todas as nações; o direito de cada Estado liderar sua existência nacional sem interferência externa, subversão ou coerção; não-interferência nos assuntos internos dos outros Estados; resolver as diferenças ou disputas de forma pacífica; renunciar a ameaça ou uso da força; e, cooperação efetiva entre eles.<sup>163</sup>

A ASEAN demonstrou suas primeiras preocupações à questão cambojana na resolução de janeiro de 1979. A organização expressou sua insatisfação ao crescente conflito entre o Camboja e Vietnã, ameaçando a paz, segurança e estabilidade no Sudeste Asiático. A ASEAN defendia que todos os Estados da região deveriam: respeitar a integridade, a soberania e o sistema político de outros países; reprimir ameaça ou uso da força em suas relações bilaterais, impedindo a interferência nos assuntos internos e o exercício de atividades subversivas contra o outro Estado; e resolver as diferenças entre os países por meio pacífico através de

---

<sup>163</sup> ASEAN, Associação das Nações do Sudeste Asiático. Disponível em: <[www.aseansec.org](http://www.aseansec.org)>. Acesso em: 2 out. 2008

negociações em um ambiente de igualdade, entendimento mútuo e respeito.<sup>164</sup> A Organização defendeu o direito dos próprios cambojanos traçarem seu futuro, livre de interferência ou influência de outras nações. Assim, a ASEAN orientou a retirada total e imediata das forças estrangeiras do território cambojano.<sup>165</sup>

Após a decisão do governo da Índia em reconhecer o regime de Heng Samrin, a ASEAN demonstrou sua preocupação e frustração alegando que essa decisão enfraquecia as iniciativas da Organização de promover uma solução política durável no Camboja que traria paz e estabilidade ao Sudeste Asiático. A ASEAN não considerou o regime de Heng Samrin legítimo no Camboja, pois, para ela, esse governo era uma demonstração de imposição da vontade de um país estrangeiro através do uso da força, violando os princípios do direito internacional. Essa situação poderia conduzir futuramente a uma tendência de outros regimes estrangeiros imporem seus governos através da intervenção militar.<sup>166</sup>

A ASEAN necessitava resolver duas questões de primordial importância para o povo cambojano as quais diziam respeito à retirada da força estrangeira do país e ao exercício do direito a soberania, para a população conquistar sua autodeterminação, livre da intervenção ou interferência externa. A Organização estava certa de que enquanto essas duas questões não fossem resolvidas, as tensões no Sudeste Asiático não iriam diminuir e os esforços para alcançar uma paz duradoura, a cooperação e a estabilidade não lograriam êxito.<sup>167</sup>

A Organização tinha certeza que o conflito cambojano era de dimensão internacional e que uma conferência regional não seria o fórum apropriado para resolver essa questão e sim, uma estrutura de conferência internacional organizada pela ONU. Apenas dessa forma, as tensões e o obstáculo para a paz na região seriam reduzidos com eficiência.<sup>168</sup>

A presença das forças vietnamitas no norte do Camboja ameaçava também a vida dos tailandeses, suas propriedades, a soberania e a segurança do seu país. Dessa forma, com a crescente tensão na fronteira entre o Camboja e a Tailândia, em abril de 1983, o ministro tailandês, Siddhi Savetsila, propôs ao Vietnã retirar suas tropas em 30 quilômetros da fronteira tailandesa-cambojana, livrando a Tailândia da mira da artilharia vietnamita. A

---

<sup>164</sup> Statement by the Indonesian Foreign Minister as Chairman of the ASEAN Standing Committee on the Escalation of the Armed Conflict between Vietnam and Kampuchea, Jakarta, 9 de Janeiro de 1979.

<sup>165</sup> Joint Statement The Special ASEAN Foreign Ministers Meeting On The Current Political Development In The Southeast Asia Region, Bangkok, 12 de Janeiro de 1979.

<sup>166</sup> Statement by the Philippine Foreign Minister as Chairman of the ASEAN Standing Committee and on behalf of the ASEAN Foreign Ministers, New York, 9 de Julho de 1980.

<sup>167</sup> Statement by the Chairman of the ASEAN Standing Committee on USSR Appeal, Manila, 27 de Março de 1981.

<sup>168</sup> Press Statement of the Philippine Foreign Minister on Mr Essaafi's Visit, 10 de Abril de 1981.

Tailândia também apoiava a retirada das forças vietnamitas do Camboja e a restituição do direito do povo cambojano a autodeterminação através da ajuda da ONU. O país alegava que as tensões só diminuiriam se as forças vietnamitas se retirassem da fronteira tailandesa e, finalmente, de todo o território cambojano.<sup>169</sup>

A questão central do problema cambojano era a sobrevivência da nação e a reestruturação de sua independência e soberania. A retirada total das forças vietnamitas, o exercício de autodeterminação e a reconciliação nacional eram elementos essenciais para a sobrevivência de um Camboja soberano e independente. Por isso, a ASEAN propôs às partes e países envolvidos a possibilidade de um passo inicial para resolver o problema cambojano. Primeiramente, deveriam iniciar pela retirada das tropas vietnamitas na maior parte do território norte do Camboja e por toda fronteira com a Tailândia, diminuindo as tensões com esse país. Em seguida, atentar para o cessar-fogo nessas áreas e, assim que consideradas seguras, habitá-las com civis cambojanos sob a proteção da Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR).<sup>170</sup>

No encontro informal entre os ministros da ASEAN, em maio de 1984, para discutir a política e o desenvolvimento militar em relação ao problema cambojano, os ministros condenaram os recentes ataques militares aos civis cambojanos e à Tailândia, violando também a soberania e integridade territorial desse país. A ASEAN apoiou o direito legítimo de autodefesa da Tailândia e demonstrou sua solidariedade com o governo e a população tailandesa na preservação de sua soberania. Nesse mesmo encontro, os ministros reafirmaram o seu apoio ao “Governo de Coalizão do Kampuchea Democrático” sob a presidência do Príncipe Norodom Sihanouk.<sup>171</sup>

Com a recusa do Vietnã em mudar suas ações, em 1984, os ministros da ASEAN acreditavam ainda mais na importância da reconciliação nacional entre todas as facções cambojanas como sendo essencial para a reestruturação e manutenção da independência. A ASEAN percebeu a crescente insatisfação da população cambojana com a contínua presença vietnamita no Camboja e, junto com a força de resistência, o GCKD, opuseram-se às forças militares vietnamitas. Os ministros da ASEAN demonstraram seu apoio à união e determinação do GCKD em procurar uma solução política para o Camboja.<sup>172</sup>

---

<sup>169</sup> Statement by the Thai Foreign Minister, 10 de Maio de 1983

<sup>170</sup> Na Appeal for Kampuchean Independence by the ASEAN Foreign Ministers, Jakarta, 20 de Setembro de 1983.

<sup>171</sup> The Informal Meeting of the ASEAN Foreign Ministers to Discuss the Recent Political and Military Developments with Regards to the Kampuchea Problem, Jakarta, 8 de Maio de 1984.

<sup>172</sup> Joint Statement of the ASEAN Foreign Ministers on the Kampuchean Problem, Jakarta, 9 de Julho de 1984.



Em síntese, a ASEAN foi contra a intervenção armada vietnamita no Camboja, e a sua contínua ocupação militar. Além disso, o regime de Heng Samrin não foi reconhecido como um governo legítimo pela Organização. Durante os anos de ocupação vietnamita no Camboja, a ASEAN recomendou inúmeras vezes a retirada das tropas vietnamitas, alegando que seus ataques aos civis cambojanos e na fronteira tailandesa ameaçavam a estabilidade da região. Com a crescente resistência das forças vietnamitas no Camboja e as ameaças à soberania tailandesa, os membros da Organização alegaram que a situação do Kampuchea não era uma questão regional e sim internacional devendo ser assistida pela ONU. Os ministros mostravam sua preocupação também com a fome que assolava o país, agravando a situação na região e causando o aumento do êxodo ilegal do Camboja.<sup>173</sup> A ASEAN alegava que o problema cambojano, deveria ser resolvido pelo seu próprio povo e não através de forças estrangeiras. Com isso, a organização apoiava a coalizão formada pelas facções cambojanas, o GCKD, como a única força para encontrar uma solução justa e duradoura para o problema do Camboja.<sup>174</sup>

### 3.1.2 ONU

#### 3.1.2.1 Assembléia Geral

A Assembléia Geral é o principal órgão deliberativo da ONU. Sua função é discutir as questões referentes às finalidades da Organização, podendo fazer recomendações aos membros das Nações Unidas ou ao Conselho de Segurança nos assuntos de sua competência. Esse órgão aprova o orçamento, define prioridades, convoca conferências internacionais e adota resoluções em diversos temas. As resoluções da Assembléia Geral não exercem obrigação sobre nenhum país, o seu peso está no fato de expressar a opinião dos Estados da comunidade internacional.<sup>175</sup>

Em novembro de 1979, a Assembléia Geral expressou sua desaprovação à intervenção armada do Vietnã nas relações internas do Camboja e declarou sua preocupação em relação ao conflito transpor as fronteiras dos países vizinhos e aumentar o perigo de um envolvimento de outras forças. A Assembléia Geral fez um apelo a todos os Estados para reprimirem qualquer interferência nos assuntos internos do Camboja, permitindo que seu povo possa decidir seu próprio futuro e destino, livre de interferência estrangeira, subversão ou coerção,

---

<sup>173</sup> Statement by the Chairman of the ASEAN Standing Committee on the Kampuchean Problem, Manila, 24 de Fevereiro de 1986.

<sup>174</sup> ASEAN Statement on the CGDK Eight Point Proposal, Bali, 29 de Abril de 1986.

<sup>175</sup> RODRIGUES, Simone M. *Segurança Internacional e Direitos Humanos: A prática da Intervenção Humanitária no Pós-Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Renovar, 2000. p. 30

respeitando a soberania, integridade territorial e a independência do país. A Assembléia Geral solicitou a todas as partes do conflito que encerrassem as hostilidades imediatamente. Recomendou, ainda, a retirada das forças vietnamitas do Camboja e que todos os Estados reprimissem os atos ou ameaças de agressão, além de todas as formas de interferência nos assuntos internos nos Estados do Sudeste Asiático.<sup>176</sup>

A Assembléia Geral declarou sua preocupação em relação ao avanço das tropas armadas vietnamitas no Camboja em direção a fronteira com a Tailândia, aumentando as tensões nessa região. Com isso, os membros da Organização perceberam que era necessária uma solução política urgente para o caso do Camboja. Nesse sentido, a Assembléia Geral decidiu organizar uma conferência internacional no país, em que deveria envolver todas as partes conflitantes, com o objetivo de chegar a um acordo político para o problema cambojano. Previa organizar uma equipe das Nações Unidas no lado fronteiriço com a Tailândia e observar a situação por toda a fronteira, além de verificar se somente os civis cambojanos estavam recebendo a ajuda internacional. A ONU pretendia também estabelecer áreas seguras sob sua supervisão no norte do Camboja para os civis cambojanos erradicados acampados perto da fronteira tailandesa e para aqueles que moravam na Tailândia e desejavam voltar para seu país.<sup>177</sup>

A “Conferência Internacional no Kampuchea”, organizada pela ONU, aconteceu em julho de 1981. Nessa Conferência, foi adotada a “Declaração no Kampuchea” que incluiu quatro elementos de negociações para um acordo político no problema cambojano e a resolução 1 (1) em que a conferência estabeleceu um “Comitê Ad Hoc da Conferência Internacional no Kampuchea”.<sup>178</sup>

Assim como a ASEAN, a Assembléia Geral também foi contra a intervenção armada e a contínua ocupação das forças vietnamitas no Camboja, causando hostilidades no país e uma grande ameaça à paz e à segurança internacional. A Assembléia Geral reconhecia a necessidade de um acordo político pacífico no Camboja, com a ajuda da comunidade internacional, para prover a retirada das forças estrangeiras e assegurar o respeito à soberania, independência, integridade territorial e o status de neutralidade do país, assim como o direito do povo cambojano a autodeterminação, livre de interferência externa. A Assembléia Geral reconhecia também a coalizão das facções cambojanas como legítima e o Príncipe Norodom

---

<sup>176</sup> Resolução 34/22. 14 nov. 1979 AG ONU

<sup>177</sup> Resolução 35/6. 22 out. 1980 AG ONU

<sup>178</sup> Resolução 36/5. 21 out. 1981 AG ONU

Sihanouk como o presidente do Camboja, não reconhecendo, assim, o regime de Heng Samrin.<sup>179</sup>

### 3.1.2.2 Conselho de Segurança

Os poderes coercitivos da ONU estão investidos no Conselho de Segurança. A intervenção militar só pode ocorrer com a prévia autorização desse órgão, sendo essa considerada o recurso final para o cumprimento das metas da Organização. Sua principal função é a manutenção da paz e da segurança nas relações internacionais. Esse órgão é formado por cinco membros permanentes com poder de veto e dez membros eleitos por dois anos pela Assembléia Geral. As decisões do Conselho de Segurança são de caráter obrigatório e não apenas de recomendação como na Assembléia Geral.<sup>180</sup>

Pelo telegrama do dia 3 de janeiro de 1979, o representante do Kampuchea Democrático solicitou ao presidente do Conselho de Segurança organizar uma reunião urgente do Conselho para condenar as agressões vietnamitas e tomar as medidas necessárias para assegurar que o Vietnã cessasse suas agressões e respeitasse a independência, a soberania e a integridade territorial do Kampuchea. O Conselho de Segurança considerou o pedido e organizou uma reunião do dia 11 a 15 de janeiro de 1979.<sup>181</sup>

O Conselho deu início à discussão pelos representantes do Kampuchea Democrático, China, Vietnã e União Soviética. O representante do Kampuchea, em nome do Príncipe Norodom Sihanouk, declarou que seu país foi vítima do ato de agressão do Vietnã que ocupou a capital, a maioria das cidades e parte da região campestre. Ele declarou que o governo da Frente Unida para Salvação Nacional do Kampuchea era fantoche do Vietnã e que o governo e as forças armadas do Kampuchea Democrático estavam defendendo o país na zona ocupada. O representante solicitou ao Conselho que condenasse a invasão vietnamita para assegurar que não havia nenhum reconhecimento desse governo no Kampuchea, e que exigisse a total e imediata retirada das forças vietnamitas do território cambojano. No discurso da China, o seu representante apoiou o apelo do representante do Kampuchea e afirmou que o pequeno e frágil país foi vítima da agressão vietnamita, com o apoio político, econômico e militar da União Soviética, violando os princípios da Carta da ONU. Disse, ainda, que a invasão no Kampuchea representava um importante passo do Vietnã para por em prática sua estratégia de

---

<sup>179</sup> Resolução 40/7. 5 nov. 1985 AG ONU

<sup>180</sup> RODRIGUES, Simone M. *Segurança Internacional e Direitos Humanos: A prática da Intervenção Humanitária no Pós-Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Renovar, 2000. p. 32 e 33

<sup>181</sup> Repertoire of the Practice of the Security Council. Capítulo 8. Disponível em: <<http://www.un.org/Depts/dpa/repertoire>>. Acesso em: 27 set. 2008.

estabelecer uma Federação da Indochina sob seu controle. Nesse sentido, o governo chinês sugeriu que o Conselho de Segurança tomasse medidas de emergência para condenar os atos de agressão do Vietnã, exigisse o cessar-fogo às autoridades vietnamitas e a retirada de suas forças do Kampuchea imediatamente. De acordo com o representante, o Conselho deveria condenar também o apoio soviético aos atos vietnamitas. Por último, solicitou que as agências especializadas das Nações Unidas desse apoio político e material ao Kampuchea. O representante vietnamita alegou que o Vietnã tentou resolver os conflitos fronteiriços com o Kampuchea através de negociações pacíficas, mas o país, apoiado pela China, rejeitou-as. Assim, segundo ele, o Vietnã reservou o direito de exercer, legitimamente, a autodefesa reconhecida pela Carta da ONU. Esse representante alegou, ainda, que a guerra revolucionária do povo do Kampuchea contra o regime de Pol Pot foi uma guerra separada, em que a crescente massa do povo cambojano tomou o controle do território e criou o “Governo do Povo Revolucionário do Kampuchea” como o governo legítimo do Kampuchea. O representante da União Soviética, em seu discurso, alegou que o Conselho estava agindo em contradição com o seu papel no sistema das Nações Unidas, tentando intervir nos assuntos internos do Kampuchea. Ele afirmou que o regime de Pol Pot, apoiado pela China, criou uma ameaça direta à paz e à segurança Internacional e o “Governo do Povo Revolucionário do Kampuchea” era o único governo legítimo no país.<sup>182</sup>

Após o discurso do Kampuchea Democrático, China, Vietnã e União Soviética, outros Estados expuseram sua visão sobre a questão cambojana. O representante do Kuwait expressou o direito de todo Estado procurar ajuda do Conselho de Segurança sempre que sentir necessidade e alegou que o Conselho estaria abdicando de sua responsabilidade caso não considerasse a situação do Kampuchea. Afirmou que o Conselho deveria exigir o imediato cessar-fogo e a retirada das forças vietnamitas. O representante da Noruega alegou que a situação do Kampuchea foi um exemplo de conflito armado e intervenção estrangeira, assim como interferência dos assuntos internos do país, violando os princípios fundamentais da Carta. Isso causava repercussões que poderiam afetar a paz e a segurança internacional. O representante de Bangladesh expressou sua opinião de que o Conselho deveria reafirmar os princípios de respeito à soberania e à integridade territorial, exigindo o cessar-fogo imediato e a retirada de todos os elementos estrangeiros. Para ele, o Conselho deveria também solicitar que as partes envolvidas não interferissem nos assuntos internos do outro e encorajassem uma negociação pacífica entre as partes conflitantes. O representante do Reino Unido declarou sua

---

<sup>182</sup> Repertoire of the Practice of the Security Council. Capítulo 8. Disponível em: <<http://www.un.org/Depts/dpa/repertoire>>. Acesso em: 27 set. 2008.

visão lamentando a intervenção armada contra o Kampuchea e enfatizou os princípios fundamentais de respeito à soberania, à integridade territorial e à independência política dos Estados e, além disso, o povo do Kampuchea deveria decidir seu próprio futuro sem a interferência estrangeira. O representante dos Estados Unidos exigiu que o Conselho assumisse sua responsabilidade, declarando que a falta de ação do Conselho aceleraria o conflito já existente entre os governos no Kampuchea. O representante da Tailândia expressou sua vontade de que o Conselho adotasse uma resolução exigindo a retirada das forças estrangeiras e reafirmasse o direito a autodeterminação ao povo do Kampuchea, livre da interferência externa. Já o representante da Alemanha foi contra a qualquer tentativa de acusar o Vietnã de intervir nos assuntos internos de outro Estado, afirmando que aquele país tentou todos os procedimentos necessários para atingir um acordo pacífico aos conflitos fronteiriços com o Kampuchea, mas foi obrigado a tomar medidas para garantir sua autodefesa.<sup>183</sup>

No encontro realizado no dia 11 de janeiro de 1979, o representante da China apresentou um projeto de resolução que enfatizava a necessidade de respeito a independência, soberania e integridade territorial do Kampuchea, condenando o Vietnã pela invasão armada e agressão contra o Kampuchea, exigindo a imediata retirada das forças vietnamitas do território cambojano e solicitando aos governos e agências especializadas das Nações Unidas que interrompessem a ajuda ao Vietnã. No encontro de 15 de janeiro, o representante do Kuwait apresentou um projeto de resolução apoiado por Bangladesh, Bolívia, Gabão, Jamaica, Kuwait, Nigéria e Zâmbia, alegando que o Conselho deveria reafirmar sua convicção em preservar a soberania, integridade territorial e independência política de todos os Estados conforme o princípio fundamental da Carta, exigindo que todas as forças estrangeiras envolvidas no Kampuchea organizassem um cessar-fogo imediato e se retirassem do país. Esse projeto de resolução demandava também que todas as partes envolvidas aderissem ao princípio de não interferência nos assuntos internos dos Estados. Nessa reunião, o projeto de resolução, apoiada pelos 7 países, recebeu 13 votos a favor e 2 contra. Essa resolução não pôde ser adotada devido ao voto negativo de um dos membros permanentes, a União Soviética.<sup>184</sup>

Em suma, de um lado, países consideraram proibido, de acordo com o princípio da Carta da ONU, o uso da força pelo governo vietnamita e acusaram o país de violar a independência política e a integridade territorial do Kampuchea Democrático e de intervir nos

---

<sup>183</sup> Repertoire of the Practice of the Security Council. Capítulo 8. Disponível em: <<http://www.un.org/Depts/dpa/repertoire>>. Acesso em: 27 set. 2008.

<sup>184</sup> Ibidem.

assuntos internos desse país. Do outro lado, países argumentavam que o Vietnã havia proposto ao Kampuchea acordos pacíficos aos conflitos fronteiriços, sendo rejeitados por este. Além disso, acreditavam que o Vietnã ajudou o Kampuchea a depor o regime brutal e desumano de Pol Pot, restabelecendo a segurança e a tranquilidade ao povo cambojano. Assim, para estes, o apelo ao Conselho era considerado injustificável e a atuação do Conselho de Segurança seria uma interferência nos assuntos domésticos da nova sociedade do Kampuchea. No encontro de 15 de janeiro de 1979, o projeto de resolução apresentado pelos 7 países, exigindo o cessar-fogo imediato e a retirada das forças estrangeiras do Kampuchea, foi posto em votação. A resolução não foi aprovada devido ao veto da União Soviética.<sup>185</sup>

### 3.2 Legitimidade da invasão de acordo com a Carta da ONU

Conforme o capítulo VI da Carta das Nações Unidas, as partes conflitantes, que possam futuramente constituir uma ameaça à paz e à segurança internacional, devem tentar resolver suas divergências através de acordos pacíficos entre eles.<sup>186</sup> Antes da invasão vietnamita no Camboja, o Vietnã propôs negociar a retirada das tropas nos dois lados da fronteira em um perímetro de 5 quilômetros e uma supervisão internacional nessas regiões para evitar conflitos. O Camboja simplesmente rejeitou a proposta vietnamita, recusando até mesmo a entrega da cópia do acordo de paz de Hanói. Com a não aceitação do acordo pacífico, o regime cambojano mostrou-se inflexível perante o Vietnã.<sup>187</sup>

De acordo com o artigo 2º, parágrafo 4 da Carta, a ameaça ou uso da força é proibida. Porém, há duas hipóteses que contrapõe a proibição geral do uso da força, sendo elas, o uso da força em legítima defesa individual ou coletiva e o uso autorizado pelo Conselho de Segurança. A primeira hipótese, resguardada pelo Capítulo VII, artigo 51º da Carta, é uma exceção necessária à regra, pois, muitas vezes, o Estado agredido precisa responder ao ataque, não dispondo de tempo para aguardar uma possível resposta das Nações Unidas. O artigo ressalta que o Estado que utilizar a força em legítima defesa sem a prévia autorização das Nações Unidas, fica submetido às suas decisões posteriores. Não é permitido o uso da legítima defesa sem que o ataque tenha iniciado.<sup>188</sup> Em 1977, o Camboja iniciou o conflito enviando suas tropas para além das fronteiras vietnamitas, massacrando vários civis. Os

<sup>185</sup> Repertoire of the Practice of the Security Council. Capítulo 12. Disponível em: <<http://www.un.org/Depts/dpa/repertoire>>. Acesso em: 27 set. 2008.

<sup>186</sup> Carta das Nações Unidas. Capítulo VI.

<sup>187</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 387 e 388

<sup>188</sup> Carta das Nações Unidas. Capítulo VII

ataques cambojanos ficavam cada vez mais constantes. O regime Khmer Rouge tentava infiltrar-se no sul do Vietnã e conquistar suas regiões, ameaçando a soberania e a integridade territorial vietnamita. Dessa forma, o ataque já havia iniciado pelos cambojanos e o Vietnã precisou se defender rapidamente.<sup>189</sup>

Assim, o Vietnã agiu de acordo com as premissas da Carta da ONU. O país tentou, inicialmente, um acordo pacífico com o Camboja, conforme previsto no Capítulo VI da Carta. Com a inflexibilidade do regime do Khmer Rouge, o Vietnã, respaldado pelo artigo 51º da Carta, atacou-o em legítima defesa, respondendo às constantes investidas cambojanas. Com as intensas e violentas invasões do governo de Pol Pot ao território vietnamita, além das ameaças de retomada do território Krom e das propagandas feitas pelo Khmer Rouge para que a população do sul do Vietnã se rebelasse contra o governo vietnamita, o Vietnã não tinha tempo para aguardar uma tomada de decisão da ONU perante os fatos. Era necessária uma atuação rápida para conter as ameaças cambojanas à paz, à soberania e à integridade territorial do Vietnã.

### **3.3 Análise teórica da intervenção vietnamita**

O estudo das teorias das relações internacionais em uma pesquisa é importante, pois seus métodos e conceitos ajudam a compreender a natureza e o funcionamento do sistema internacional, facilitando as análises dos fatos. Por isso, essa subseção abordou a invasão vietnamita no Camboja de acordo com os conceitos das teorias realista e construtivista.

#### **3.3.1 Teoria realista**

Para os realistas o ator central das relações internacionais é o Estado, sendo ele unitário e soberano que busca maximizar o seu poder e segurança. O principal conceito é a anarquia. Por não haver nenhuma unidade supranacional, o estado de natureza desses Estados é o de liberdade, ou seja, o de guerra. Como não existe nenhum poder internacional soberano e absoluto para impedir a violência entre os Estados, todas as nações podem dispor da força.<sup>190</sup> A cooperação entre os Estados é dificultada pela natureza insegura do sistema internacional. Além do medo de que a cooperação acordada não seja respeitada, a ausência de governo internacional gera uma luta permanente pela sobrevivência e independência. Assim,

---

<sup>189</sup> KIERNAN, Ben. *The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79*. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996. p. 357 e 358

<sup>190</sup> SARFATI, Gilberto. *Teoria das Relações Internacionais*. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2005. p. 71 e 72

os amigos de hoje podem ser os inimigos de amanhã.<sup>191</sup> Isso ocorreu no conflito entre o Camboja e Vietnã. O governo vietnamita apoiou fortemente o Khmer Rouge a conquistar o poder. A aliança entre esses dois partidos foi influenciada por interesses próprios. Para o Vietnã seria importante ajudá-los, pois derrubaria um governo extremamente anticomunista apoiado pelo seu maior inimigo, os Estados Unidos, e o substituiria por um regime comunista. Além disso, nesse novo governo, os vietnamitas teriam mais chances de influenciá-los. Já para os cambojanos rebeldes do Khmer Rouge, o apoio vietnamita era essencial, pois sabiam que sozinhos não teriam força suficiente para derrubar o governo de Lon Nol e conquistar o poder. Após o regime de Lon Nol ser deposto e o Khmer Rouge ter implementado o seu governo, o grupo de Pol Pot não sentia mais necessidade da ajuda vietnamita. Assim, os cambojanos do novo regime romperam os laços com o Vietnã e começaram a ameaçá-los, tomados pelo desejo expansionista de conquistar o Kampuchea Krom. Com o objetivo de maximizar o seu poder e segurança, após a conquista do governo cambojano, o Khmer Rouge almejava conquistar o território sul vietnamita a qualquer custo.

De acordo com os realistas, a política é dominada pelo poder, havendo uma separação entre moral e política. No âmbito internacional, a influência moral na política funciona como um mecanismo de justificação e legitimação da ação do Estado, mas não pode julgar o comportamento dele. Muitas vezes, os Estados, em busca de poder e de sua sobrevivência, precisam agir de forma considerada imoral. Não é a moral que guia a política internacional e sim, a questão de como os Estados se adaptam e sobrevivem ao sistema.<sup>192</sup> Dessa forma, os cambojanos comunistas estavam interessados em alcançar seus desejos, mesmo que tivessem que agir de maneira imoral. Para sobreviver no sistema internacional, o governo do Camboja visava maximizar o seu poder através do expansionismo territorial, utilizando-se da força. Naquele momento, o Camboja não estava preocupado se suas ações eram morais ou imorais. Era mais importante conquistar o interesse nacional a qualquer custo.

No realismo, os Estados podem ter interesses distintos levando-os a defendê-los fortemente, aumentando a incerteza e ameaça entre eles.<sup>193</sup> O Camboja queria recuperar o território perdido e o Vietnã mantê-lo. Os dois Estados estavam dispostos a utilizar todas as suas forças para conquistar o interesse nacional.

---

<sup>191</sup> HENZ, Mônica; HOFFMANN, Andréa R. *Organizações Internacionais: História e Práticas*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. p. 49

<sup>192</sup> SARFATI, Gilberto. *Teoria das Relações Internacionais*. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2005. p. 93

<sup>193</sup> *Ibidem*. p. 89



A estrutura anárquica do sistema internacional cria uma atmosfera de incerteza fazendo com que qualquer Estado seja uma ameaça ao outro.<sup>194</sup> A segurança entre os Estados seria alcançada pelo ameaça ou uso da força. Morgenthau, um dos principais autores teóricos do realismo, caracterizou o poder em legítimo e ilegítimo. O legítimo é moralmente justificável, como a guerra pela autodefesa. O ilegítimo é aquele que não encontra respaldo na moralidade, como a guerra desencadeada por uma política expansionista de um Estado.<sup>195</sup> Apesar dessa separação feita por Morgenthau entre poder legítimo e ilegítimo, para os realistas é inevitável o uso da força pelo Estado para sua sobrevivência e alcance de seus interesses nacionais, por mais que essa ação seja imoral. O Camboja usou a força para conquistar seu interesse expansionista com o intuito de aumentar o seu poder e, conseqüentemente, manter-se no sistema internacional, mesmo que o uso dessa força fosse moralmente ilegítimo. O Vietnã, por sua vez, precisou defender o seu território das constantes ameaças e invasões cambojanas. Se os vietnamitas não utilizassem sua força militar para proteger seu território, não sobreviveria. Dessa forma, o uso do poder vietnamita contra o Camboja, como autodefesa, é moralmente justificável. Porém, para os realistas, o comportamento do Estado não deve ser julgado pela moralidade ou não do uso da força. Todos os recursos serão utilizados para conquistar seus interesses e se manter no sistema, independente da ética.

Nenhuma organização internacional está acima dos Estados e, nem ao menos, é considerada um ator nas relações internacionais, de acordo com a teoria realista. As organizações internacionais não têm independência, pois são compostas por Estados soberanos, independentes e autônomos que determinam como essas organizações irão atuar.<sup>196</sup> Assim, a participação dos Estados em qualquer organização internacional está sempre subordinada ao interesse nacional. De acordo com esse pensamento, a visão de cada Estado membro das Nações Unidas, em relação à intervenção vietnamita, era baseada em seus próprios interesses. Os Estados Unidos foram contra a intervenção, pois, por questões políticas, não podiam apoiar os vietnamitas. O presidente americano Carter sabia das atrocidades do regime do Khmer Rouge e teve que decidir entre a moral e a política. Dessa forma, como mencionado anteriormente, a moral não serve para julgar o comportamento do Estado, sendo, muitas vezes, necessário agir de forma considerada imoral. Nesse sentido, os

---

<sup>194</sup> RODRIGUES, Simone M. *Segurança Internacional e Direitos Humanos: A prática da Intervenção Humanitária no Pós-Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Renovar, 2000. p. 169

<sup>195</sup> SARFATI, Gilberto. *Teoria das Relações Internacionais*. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2005. p. 94

<sup>196</sup> *Ibidem*. p. 88

americanos tomaram sua decisão baseada em seus interesses. Os Estados Unidos haviam acabado de reatar os laços com a China, principal país que apoiava o Khmer Rouge. Logo, se os americanos concordassem com os vietnamitas, contrariando o grupo de Pol Pot, iria por em risco sua recente reaproximação com a China. Além disso, os americanos estavam furiosos com a derrota de seu país na guerra com o Vietnã.<sup>197</sup> Dessa forma, a decisão dos Estados Unidos perante a ONU, repugnando a invasão vietnamita no Camboja, não foi baseada nos fatos ocorridos entre os dois países em conflito, mas sim, nos seus interesses nacionais. O mesmo ocorreu com a decisão da China e da União Soviética. A China tinha grande influência no Camboja e a União Soviética no Vietnã, se algum deles apoiasse o outro lado, significaria entregar a influência do país ao inimigo.

A aliança do Khmer Rouge com os vietnamitas foi movida por interesses dos dois lados. Após a conquista de seus objetivos, romperam seus laços e se tornaram inimigos, motivados por interesses nacionais. Com o intuito de maximizar o poder para sobreviver no sistema internacional, o Camboja estava disposto a retomar o antigo território, anexado pelo Vietnã, a qualquer custo, mesmo que suas ações fossem consideradas imorais. No realismo, nenhuma organização se sobrepõe aos Estados e somente estes são considerados atores nas relações internacionais. Além disso, não tem independência, pois é composta por Estados soberanos. A participação dos países nas organizações está sempre associada ao seu próprio interesse. Assim sendo, os discursos dos Estados membros da ONU foram baseados nos seus interesses nacionais.

### 3.3.2 Teoria construtivista

Na teoria construtivista, a convivência social modifica os agentes, ou seja, a construção social dos Estados é desenvolvida ao longo da história. No construtivismo de Wendt, o Estado é a principal unidade de análise das relações internacionais e, com isso, detém a legitimidade do uso da força. O Estado é considerado unidade básica na análise das relações internacionais, pois causa as mudanças do sistema, sem a exclusão de outros atores. As estruturas principais do sistema de Estados são intersubjetivas, e não materiais, realçando a idéia de que os Estados são construídos socialmente. Além disso, os interesses e identidades dos Estados também são desenvolvidos pelo processo social e não pela natureza humana ou política doméstica.<sup>198</sup>

---

<sup>197</sup> POWER, Samantha. *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 179 e 180

<sup>198</sup> SARFATI, Gilberto. *Teoria das Relações Internacionais*. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2005. p. 260

O Construtivismo foca na construção social da política internacional. A realidade é socialmente construída, as estruturas são definidas por idéias compartilhadas entre os Estados e os interesses e identidades dos atores são desenvolvidos por essas idéias. A relação com o outro é que forma a percepção sobre o próprio Estado. A identidade só começa a existir quando países se relacionam. Tanto a relação de cooperação quanto o conflito entre os Estados vão depender do processo de formação de identidades entre eles. Ou seja, os que se identificarem positivamente tendem a cooperar e os que se identificarem negativamente tendem a entrar em conflitos. Assim como as identidades são construídas, as ameaças sociais também são. Há, constantemente, na relação entre Estados, emissões de sinais e interpretações reforçando certos comportamentos. Por exemplo, se dois Estados emitem sinais entre eles e cada um representa uma ameaça ao outro, serão produzidas identidades negativas. Cada Estado verá o outro com características de agressor. Dessa forma, a anarquia internacional terá um sentido importante para esses Estados fazendo com que produzam um comportamento egoísta de autodefesa e balanceamento de poder. Por outro lado, a soberania é a base social para a segurança e individualidade dos Estados. Aqueles que compartilham valores semelhantes podem formar uma comunidade. Muitas vezes, institucionalizam normas produzindo identidades positivas entre eles. Nesse sentido, como o processo de construção de identidades produz uma constante cooperação, o conceito de anarquia internacional para esses Estados é a simples ausência de uma autoridade global, não interferindo em nada no relacionamento entre eles. Para Wendt, a anarquia internacional não é fixa e não envolve necessariamente a conduta egoísta dos Estados. A anarquia pode assumir formas distintas dependendo das identidades e interesses assumidos pelos Estados em suas relações.<sup>199</sup> De acordo com a teoria construtivista, o Camboja, em seus constantes ataques e ameaças ao território sul vietnamita, emitia sinais, sendo interpretados como negativos pelo Vietnã. Os dois países tinham interesse no território do Kampuchea Krom. Dessa forma, o Camboja lutava para conquistar o território e o Vietnã para defender a sua terra. Isso fez com que esses países representassem uma ameaça ao outro, resultando em identidades negativas.

Há diferentes graus possíveis de identificação entre os Estados e podem variar também em função do assunto. As identidades não são estáticas, podendo ser modificadas durante os processos históricos.<sup>200</sup> Antes do Khmer Rouge conquistar o poder, os cambojanos revolucionários comunistas e os vietnamitas eram aliados. Os dois tinham valores semelhantes: os cambojanos comunistas queriam depor o governo apoiado pelos Estados

---

<sup>199</sup> SARFATI, Gilberto. *Teoria das Relações Internacionais*. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2005. p. 262 e 263

<sup>200</sup> *Ibidem*. p. 264 e 265

Unidos e conquistar o poder do seu país e os vietnamitas almejavam derrubar o governo fantoche cambojano apoiado pelo seu maior inimigo e implementar um regime comunista. Assim, esses dois grupos tinham identidades semelhantes fazendo com que cooperassem um com o outro. Naquele momento, o conceito de anarquia não interferia no relacionamento entre eles. Logo após a conquista do poder pelos comunistas cambojanos, as identidades entre eles se modificavam. Os sinais que o Camboja emitia era o de reconquistar o seu antigo território, que agora pertencia ao Vietnã, já os vietnamitas emitiam sinais de autodefesa. Esses sinais eram interpretados de forma negativa, um representava uma ameaça ao outro, modificando a identidade de positiva para negativa. A partir de então, a anarquia internacional passava a representar uma maior importância entre os Estados fazendo com que produzissem um comportamento egoísta entre eles.

Na teoria construtivista, as organizações internacionais têm um papel fundamental no sistema internacional. As instituições modificam as opções disponíveis para os atores, transformando suas identidades e interesses e gerando normas.<sup>201</sup> Depois da invasão vietnamita, o interesse do Vietnã em relação ao Camboja começou a se modificar. Quando o Vietnã implementou o governo fantoche no Camboja e transferiu muitas de suas tropas para lá, a Organização das Nações Unidas aprovaram várias resoluções recomendando que os vietnamitas se retirassem do território cambojano. Apesar de o Conselho de Segurança não ter aprovado nenhuma resolução exigindo a retirada das tropas vietnamitas, apenas as recomendações da Assembleia Geral e da ASEAN e o isolamento do Kampuchea pelos países contrários à invasão modificaram o interesse do Vietnã pelo Camboja. A partir de então, estava oneroso, para o Vietnã continuar no Camboja. Por isso, em 1989, o Vietnã retirou-se do país vizinho.

Assim, os sinais emitidos pelo Vietnã e Camboja, antes dos conflitos, foram interpretados como identidades positivas, pois os dois países se relacionavam movidos por valores semelhantes. Como as identidades não são estáticas, após a derrubada do regime de Lon Nol e a ocupação do governo cambojano pelo Khmer Rouge, a identidade dos países mudou. Com o Camboja almejando o território sul vietnamita e o Vietnã se defendendo, caracterizaram-se identidades negativas, pois um representava uma ameaça para o outro. Essa identificação negativa resultou na intervenção vietnamita no Camboja. As organizações internacionais, como a ONU e a ASEAN, tiveram um importante papel no término do

---

<sup>201</sup> HENZ, Mônica; HOFFMANN, Andréa R. *Organizações Internacionais: História e Práticas*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. p. 75

conflito. Através de suas normas e resoluções recomendando que as tropas vietnamitas se retirassem do Camboja, o Vietnã modificou seu interesse. A pressão das organizações internacionais sob o Vietnã fez com que os vietnamitas percebessem que seria mais vantajoso retirar suas tropas do Camboja.

## CONCLUSÃO

Os três anos e meio de regime do Khmer Rouge foram repletos de torturas e sofrimentos para com seu próprio povo. Milhões de cambojanos morreram por maus-tratos, fome, esforço físico excessivo e execuções. A invasão dos vietnamitas no Camboja foi recebida pelos cambojanos como um alívio. Naquele momento, qualquer intervenção estrangeira que cessasse as atrocidades impostas pelo grupo de Pol Pot seria bem-vinda pela população. Inicialmente, o povo estava profundamente agradecido pela intervenção vietnamita, pois significou a salvação de suas vidas. Com a permanência das tropas vietnamitas durante os anos seguintes, os cambojanos se sentiam incomodados, pois queriam ser livres para decidirem o futuro de seu próprio país sem intervenção estrangeira.<sup>202</sup> Os cambojanos sabiam que o novo governo implementado, liderado por dissidentes do Khmer Rouge, era influenciado pelo Vietnã. Dessa forma, apesar dos cambojanos não serem mais torturados pelos seus líderes, não tinham direito algum sobre o seu país.

A invasão vietnamita foi considerada uma ameaça à paz e à segurança de outros países e, por isso, o assunto foi discutido pela comunidade internacional. Através de diversas declarações emitidas pelos ministros da ASEAN, a Organização demonstrou seu posicionamento contra a invasão, alegando que o Vietnã havia violado a soberania do Camboja e, naquele momento, representava uma ameaça à estabilidade da região. Em suas declarações foram feitas inúmeras recomendações para que as tropas vietnamitas se retirassem do país.

Na ONU, a questão foi discutida tanto na Assembléia Geral como no Conselho de Segurança. A Assembléia é uma grande arena da ONU nas quais as mais diversas questões são discutidas. Todos os membros da Assembléia têm direito a um voto. As resoluções referentes às questões de paz e segurança internacional são aprovadas por 2/3 dos votos. As decisões desse órgão são sempre de caráter recomendatório.<sup>203</sup> Várias resoluções foram aprovadas pela Assembléia Geral sobre a questão cambojana. Assim como a ASEAN, a Assembléia também condenou a invasão vietnamita e sua contínua ocupação militar no Camboja, fazendo inúmeras recomendações para a retirada das tropas armadas estrangeiras no país. No Conselho de Segurança, apesar de a grande maioria dos países ter considerado o ato

---

<sup>202</sup> POWER, Samantha, *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 181

<sup>203</sup> HENZ, Mônica; HOFFMANN, Andréa R. *Organizações Internacionais: História e Práticas*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. p. 99

vietnamita uma agressão, o projeto de resolução, que autorizava o Conselho de Segurança a exigir que todas as forças estrangeiras se retirassem do Kampuchea, não foi aprovado devido ao veto da União Soviética. Ao Conselho é reservado o direito do uso dos poderes coercitivos quando julgado necessário e aprovado pelos seus membros. O Conselho é formado por cinco membros permanentes com direito de veto e dez membros rotativos eleitos por um mandato de dois anos pela Assembléia, e suas decisões têm caráter obrigatório.<sup>204</sup> Assim, com o veto da União Soviética, membro permanente do Conselho, a resolução que poderia exigir a retirada das tropas estrangeiras e acabar com a intervenção vietnamita no Camboja não foi aprovada. As únicas medidas que a ONU pôde tomar foram apresentar recomendações ao Vietnã, não podendo obrigá-lo a nada. Contudo, isso não significa que as recomendações da Assembléia e as declarações da ASEAN não tiveram nenhum efeito. As decisões dessas Organizações são de grande importância, pois representam a opinião dos países que formam a comunidade internacional. Dessa forma, essas recomendações pressionaram os vietnamitas a saírem do Camboja.

Durante a Guerra Fria, as relações internacionais eram influenciadas pela geopolítica, sobrepujando até mesmo o genocídio e a questão humanitária. Durante o regime de Pol Pot, o país estava extremamente isolado, não sendo permitida a entrada de nenhum estrangeiro no país e, por isso, pouco se sabia sobre as atrocidades desse regime. Mas mesmo quando as barbáries do regime de Pol Pot vieram à tona nos anos 80, pouco foi comentado. Além disso, a Guerra do Vietnã havia acabado recentemente e os americanos ainda sentiam o peso desse conflito, por esse motivo, não tinham interesse em se envolver nas questões daquela região. Para os americanos seria politicamente impensável intervir militarmente, devido a perda de vários soldados americanos no Vietnã. Seria também emocionalmente desagradável dar atenção ao genocídio, pois relembraria seus erros do passado. Do outro lado, não se envolver no assunto não tinha custo algum.<sup>205</sup> Durante o período da Guerra Fria, a questão humanitária cambojana teve um papel pouco relevante na discussão da comunidade internacional, devido aos motivos geopolíticos. Com isso, a questão humanitária do Camboja só tomou conta das pautas da comunidade internacional nos anos 90, com a missão de paz da ONU no país e, mais recentemente, com a aprovação da instalação do tribunal, com o apoio das Nações Unidas, para julgar os líderes do Khmer Rouge por crimes contra a humanidade, em 2004.

---

<sup>204</sup> HENZ, Mônica; HOFFMANN, Andréa R. *Organizações Internacionais: História e Práticas*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. p. 98

<sup>205</sup> POWER, Samantha, *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 118 e 153

Devido à influência das questões geopolíticas nas relações entre os países durante a Guerra Fria, a posição dos países membros da comunidade internacional, em geral, foi motivada por seus interesses políticos. A forte oposição norte-americana à invasão vietnamita não foi movida pela preocupação com a população cambojana, e sim por questões políticas. O país tinha conhecimento das atrocidades cometidas pelo governo do Khmer Rouge e de seus incessantes ataques ameaçando o território vietnamita. Porém, apoiar os vietnamitas significaria comprometer sua recente reaproximação com a China. Além do mais, o país estava com sua honra ferida pela derrota militar na Guerra do Vietnã. O apoio dos americanos ao Khmer Rouge não era movida pela simpatia ao grupo, mas sim pelo sentimento hostil ao Vietnã. Assim, a estratégia americana se restringia puramente à geopolítica.<sup>206</sup>

Além da alegação de defender suas fronteiras dos ataques cambojanos, os vietnamitas invadiram o Camboja afirmando necessidade de deter as atrocidades do regime do Khmer Rouge. De fato, a intervenção vietnamita teve conseqüências humanitárias, porém não foi motivada por essas preocupações.<sup>207</sup> A invasão resultou no término do sangrento regime de Pol Pot e, conseqüentemente, no fim do genocídio. Assim, o Vietnã salvou a vida de milhares de cambojanos que certamente não sobreviveriam por muito tempo sob o comando dos comunistas cambojanos. Contudo, apesar da alegação humanitária, os vietnamitas não demonstraram um real interesse nestas questões após a invasão. Com a ocupação e recusa de retirada das tropas vietnamitas e a implementação de um governo influenciado por eles, a justificativa de ato humanitário pelos vietnamitas revelava-se cada vez mais infundada com o passar dos anos.<sup>208</sup>

Com a análise dos fatos ocorridos e com o argumento usado pelo Vietnã, pode-se concluir que a invasão foi movida por autodefesa. De acordo com a Carta das Nações Unidas, a autodefesa vietnamita foi legítima, pois o Vietnã, antes da intervenção, agiu conforme as premissas da Carta. Inicialmente, os vietnamitas tentaram resolver o problema de forma pacífica, conforme previsto no Capítulo VI da Carta, propondo um acordo aos cambojanos. Porém, os líderes do Khmer Rouge se mostraram inflexíveis ignorando a proposta. Com as incessantes incursões cambojanas no território vietnamita, ameaçando a soberania do país, o Vietnã sentiu a necessidade de atacar o Camboja em defesa própria, precisando reagir de

---

<sup>206</sup> POWER, Samantha, *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 181

<sup>207</sup> *Ibidem*. p. 173

<sup>208</sup> *Ibidem*. p. 181



forma rápida sem dispor de tempo para aguardar uma decisão da ONU, sendo esta ação respaldada pelo Capítulo VII, artigo 51º, da Carta.<sup>209</sup>

A autodefesa vietnamita é considerada legítima, de acordo com a Carta da ONU. Porém, a ocupação das tropas vietnamitas no Camboja e a implementação de um governo influenciado por estrangeiros violaram os princípios fundamentais da Carta das Nações Unidas que diz respeito à não interferência na soberania, integridade territorial e independência política. Dessa forma, a permanência das tropas vietnamitas, não atendendo as recomendações da comunidade internacional para sua retirada, e a implementação desse novo governo constituíram uma agressão a soberania cambojana, de acordo com as premissas da Carta. Por esse motivo, além de condenar a ocupação das tropas vietnamitas, a comunidade internacional não reconheceu o regime de Heng Samrin, justificando que aquele governo havia sido imposto pelas forças estrangeiras e era influenciado pelos vietnamitas.

A total retirada das tropas vietnamitas, em 1989, resultou em uma série de fatores. A oposição da Comunidade Internacional em relação a ocupação vietnamita fez com que os países isolassem o Camboja para pressionar as tropas do Vietnã a se retirarem. Esse isolamento fez com que o Camboja enfraquecesse ainda mais, sendo considerado na época um dos países mais pobres do mundo. Outro fator importante foi a drástica redução do apoio soviético. No final dos anos 80, com a perda de força da União Soviética, o apoio ao Vietnã praticamente desapareceu. Sem a ajuda dos soviéticos, o Vietnã não conseguiria enfrentar a pressão da comunidade internacional sozinho. Por isso, após 10 anos de ocupação militar no Camboja, as tropas vietnamitas se retiraram do país.<sup>210</sup>

---

<sup>209</sup> Carta da ONU

<sup>210</sup> HENDRICKSON, Dylan. *Safeguarding Peace: Cambodia's Constitutional Challenge*. Disponível em: <<http://www.c-r.org/our-work/accord/cambodia/index.php>>. Acesso em: 2 set. 2008

## REFERÊNCIAS

ASEAN, Associação das Nações do Sudeste Asiático. Disponível em: <[www.aseansec.org](http://www.aseansec.org)>. Acesso em: 2 out. 2008.

CHAN, Sambath. The Chinese Community in Cambodia. **Searching for the Truth**, Phnom Penh, Edição Especial em Inglês, abr. 2003.

CHANDLER, David P. **The Burden of Cambodia's Past**. Disponível em: <<http://www.asiasociety.org/publications/cambodia/burden.html>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

COURTOIS, Stéphane; WERTH, Nicolas; PANNÉ, Jean-Louis; PACZKOWSKI, Andrzej; BARTOZEK, Karel; MARGOLIN, Jean-Louis, **O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

DECLARAÇÃO da ASEAN. Disponível em: <<http://www.aseansec.org/5138.htm>>. Acesso em: 2 out. 2008.

HENDRICKSON, Dylan. **Safeguarding Peace: Cambodia's Constitutional Challenge**. Disponível em: <<http://www.c-r.org/our-work/accord/cambodia/index.php>>. Acesso em: 22 ago. 2008.

HENZ, Mônica; HOFFMANN, Andréa R. **Organizações Internacionais: História e Práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

JOFFÉ, Roland; PUTTNAM, David. Os Gritos do Silêncio. [Filme – DVD]. Produção de David Puttnam, direção de Roland Joffé. Inglaterra, Editora NBO, Goldcrest Films, 1984. DVD / NTSC, 142 min. color.

KIERNAN, Ben. **The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79**. 1. ed. New Haven e Londres: Yale University Press, 1996.

NAN, Lin. Pol Pot's 1978 interview with China's Sin Hua Press Agency. **Searching for the Truth**, Phnom Penh, Edição Especial em Inglês, abr. 2003.

OWEN, Taylor; KIERNAN, Ben. **Fogo sobre o Camboja**. Disponível em: <<http://diplo.uol.com.br/2008-01,a2153>>. Acesso em: 23 ago. 2008.

POWER, Samantha, **Genocídio: A Retórica Americana em Questão**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

REPERTOIRE of the Practice of the Security Council. Disponível em:  
<<http://www.un.org/Depts/dpa/repertoire>>. Acesso em: 27 set. 2008.

RESOLUÇÃO da Assembléia Geral. Disponível em:  
<<http://www.un.org/documents/resga.htm>>. Acesso em: 25 set. 2008.

RODRIGUES, Simone M. **Segurança Internacional e Direitos Humanos: A prática da Intervenção Humanitária no Pós-Guerra Fria**. Rio de Janeiro: Renovar, 2000.

SARFATI, Gilberto. **Teoria das Relações Internacionais**. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

YIMSUT, Ronnie. **Vietnam: Was it Liberation or Invasion?**. Disponível em:  
<<http://www.mekong.net/cambodia/jan7.htm>>. Acesso em: 2 set. 2008.

ZHAI, Qiang. China and the Cambodian Conflict, 1970-1975. **Searching for the Truth**, Phnom Penh, Edição Especial em Inglês, jul. 2003.